



UFRJ
UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO



Faculdade de Letras
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

A AVALIAÇÃO SOCIAL DOS DATIVOS PREPOSICIONADOS DE 2ª PESSOA DO
SINGULAR NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO E REGIÃO METROPOLITANA

Luciana Rabello de Souza

Rio de Janeiro
2024

LUCIANA RABELLO DE SOUZA

A AVALIAÇÃO SOCIAL DOS DATIVOS PREPOSICIONADOS DE 2ª PESSOA DO
SINGULAR NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO E REGIÃO METROPOLITANA

Monografia submetida à Faculdade de Letras
da Universidade Federal do Rio de Janeiro,
como requisito parcial para obtenção do título
de Licenciada em Letras na habilitação
Português/Inglês.

Orientador: Prof.º Dr. Thiago Laurentino de Oliveira

Rio de Janeiro

2024

AGRADECIMENTOS

Quando entrei na Universidade com recém 18 anos, jamais imaginei que pudesse ser um processo tão complexo e que me levasse a reavaliar tantas faces da minha vida. Repensar a língua como algo que vai além da sua característica funcional também fez com que eu abrisse os olhos para muito mais, dentro e fora das salas de aula. Passar por essa jornada teria sido infinitamente mais difícil sem o apoio de pessoas muito especiais. Desta forma, agradeço:

À minha mãe, Angela Rabello, de quem carrego o sobrenome que tanto me traz força e orgulho. Obrigada por cada conversa, carona, abraço, apoio e por nunca ter duvidado de mim. Você é meu maior exemplo na vida.

Ao meu irmão que virou melhor amigo, Felipe Rabello, por todas as risadas, por ter ficado horas me ouvindo falar sobre coisas que não faziam o menor sentido para você, por sempre me proteger, me amar e me acolher. Ser sua amiga é uma conquista imensurável. Estou contigo em qualquer lugar do universo.

À minha melhor amiga que virou irmã, Iris Ferreira, por, mesmo após tantos anos, sempre ter-se feito presente na minha vida, em especial nos momentos em que mais precisei. Ter te encontrado nessa vida é um presente que jamais saberei como retribuir.

Ao meu grande amor, Victoria Knust, por todos os conselhos, risadas, ideias, abraços e momentos. Obrigada por me mostrar que a vida sempre pode ser mais leve e alegre. Você é, desde o início, a maior luz de toda a minha jornada nessa Terra. Poder compartilhar meus dias contigo é um privilégio. Te amo para além do infinito.

Aos meus sogros, Dal e Kelly, por todo o carinho e por me deixarem fazer da casa de vocês um segundo lar. Vocês são, pra sempre, parte da minha família e da minha vida. Espero sempre retribuir todo o amor que recebo de vocês.

Às minhas amigas de graduação, Leandra, Jhennifer, Julia, Simone e Ana Beatriz, por, em momentos distintos, terem me ajudado sempre a tirar o melhor de cada situação. A companhia de vocês deixou tudo mais fácil, definitivamente.

À minha espiritualidade, aos meus Orixás e às minhas entidades, que me acalmaram, acolheram e guardaram nos momentos mais árduos. Que a Justiça e o Amor nunca falem.

*“Eu sou o sol da meia noite e a lua cheia de manhã
Mas me visto de mim mesmo da cabeça aos pés.”*

Lagum

RESUMO

Esta monografia objetiva analisar, a partir de uma pesquisa sincrônica, a percepção e a avaliação das formas pronominais dativas de segunda pessoa do singular ‘pra você’, ‘pra ti’ e ‘pra tu’ observando quais significados sociais são indexados a estas – tendo como ponto central de observação a variedade do Rio de Janeiro e sua região metropolitana. As hipóteses iniciais, baseadas em estudos anteriores de produção (Gomes, 2003; Oliveira, 2014; Gomes, 2015), são que (i) ‘pra você’ é a variante mais aceita e percebida como a forma vernacular do Rio de Janeiro; (ii) ‘pra ti’ desperta certo estranhamento por não ser percebida como um uso típico dos cariocas; (iii) ‘pra tu’ é reconhecida, porém estigmatizada e associada a falantes com baixo grau de escolaridade e/ou moradores de áreas menos prestigiadas da cidade. Para tanto, adotamos como base teórica a Sociolinguística Variacionista (Labov, 1994; Weinreich; Herzog; Labov, 2006 [1968]), os pressupostos acerca dos significados sociais da variação (Eckert, 2019), atentando aos aspectos linguísticos e extralinguísticos, e o Problema da Avaliação (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968]). Em uma primeira fase da pesquisa, foi aplicado a 26 voluntários o método de abordagem direta, com base em um questionário de reação subjetiva composto por 14 perguntas que instigavam os participantes a associarem os dados apresentados a diferentes faixas etárias, localidade e grau de instrução. Na segunda fase, utilizou-se um método de abordagem indireta, através de um formulário aplicado de forma on-line pela plataforma *GoogleForms*, envolvendo uma tarefa de julgamento segundo a técnica *matched-guise* (Lambert *et al.*, 1960), em que os participantes eram expostos a estímulos auditivos e, em seguida, deveriam avaliá-los segundo um conjunto de índices específicos, dentro de uma escala de 5 pontos. Foram coletadas 41 respostas, das quais 33 atendiam os pré-requisitos estabelecidos para esta pesquisa. Os resultados gerais da pesquisa indicaram que (i) ‘pra ti’ não é reconhecida como “carioca”; (ii) ‘pra tu’ foi a mais associada a “ter menos estudo” e essa associação foi ainda mais intensa pelos participantes mais velhos. Além disso, houve associação, de forma geral, a “morar longe de áreas nobres”; (iii) a variante ‘pra você’ foi a mais associada a ser “carioca” e, assim como ‘pra ti’, foi mais associada do que ‘pra tu’ a “ter estudo” e “morar perto de área nobre”.

PALAVRAS-CHAVE: Variação linguística; pronomes dativos; Rio de Janeiro; 2ª pessoa.

ABSTRACT

This undergraduate thesis aims to analyze, based on synchronic research, the perception and evaluation of the second person singular dative pronominal forms ‘pra você’, ‘pra ti’ and ‘pra tu’, observing which social meanings are indexed to them - with the variety of Rio de Janeiro and its metropolitan region as the central point of observation. The initial hypotheses, based on previous production studies (Gomes, 2003; Oliveira, 2014; Gomes, 2015), are that (i) ‘pra você’ is the most accepted variant and perceived as the vernacular form of Rio de Janeiro; (ii) ‘pra ti’ arouses a certain strangeness because it is not perceived as a typical usage of Cariocas; (iii) ‘pra tu’ is recognized, but stigmatized and associated with speakers with a low level of education and/or residents of less prestigious areas of the city. To this end, we adopted the theoretical basis of Variationist Sociolinguistics (Labov, 1994; Weinreich; Herzog; Labov, 2006 [1968]), the assumptions about the social meanings of variation (Eckert, 2019), paying attention to linguistic and extralinguistic aspects, and the Evaluation Problem (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968]). In the first phase of the research, the direct approach method was applied to 26 volunteers, based on a subjective reaction questionnaire consisting of 14 questions that encouraged participants to associate the data presented with different age groups, locations and levels of education. In the second phase, an indirect approach was used, through a form applied online via the GoogleForms platform, involving a judgment task according to the *matched-guise* technique (Lambert et al., 1960), in which participants were exposed to auditory stimuli and then had to evaluate them according to a set of specific indices on a 5-point scale. A total of 41 responses were collected, 33 of which met the prerequisites established for this study. The general results of the survey indicated that (i) ‘pra ti’ is not recognized as “carioca”; (ii) ‘pra tu’ was the most associated with “having less education” and this association was even more intense among older participants. In addition, there was a general association with “living far from affluent areas”; (iii) the variant ‘pra você’ was the most associated with being “carioca” and, like ‘pra ti’, was more associated than ‘pra tu’ with “having an education” and “living near an affluent area”.

KEYWORDS: Linguistic variation; dative pronouns; Rio de Janeiro; 2nd person.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Recorte do questionário de abordagem indireta	12
Tabela 1: Relação gênero X faixa etária dos informantes do questionário de abordagem direta.	21
Figura 2: Recorte do quadro de características extras.	23
Tabela 2: Relação gênero X faixa etária dos informantes do questionário de abordagem indireta.	24
Figura 3: Recorte de alguns dados solicitados aos participantes.	24
Tabela 3: Ordem dos falantes e das variantes nos áudios apresentados no questionário de abordagem indireta	25
Figura 4: Recorte do questionário com o áudio e um dos critérios de avaliação utilizados.	26
Figura 5: Nuvem de palavras com características associadas ao uso da variante ‘pra você’.	28
Figura 6: Nuvem de palavras com características associadas ao uso da variante ‘pra ti’.	28
Figura 7: Nuvem de palavras com características associadas ao uso da variante ‘pra tu’.	28
Tabela 4: Comentários relacionados à variável faixa etária.	30
Gráfico 1: Distribuição geral da escala “ser pouco/muito carioca”.	32
Gráfico 2: Distribuição da escala “ser pouco/muito carioca” a partir da faixa etária 50+.	32
Gráfico 3: Distribuição da escala “ser pouco/muito carioca” a partir da faixa etária 49-.	33
Gráfico 4: Distribuição geral da escala “ser pouco/muito carioca” em comparação com a voz do estímulo.	33
Gráfico 5: Distribuição da escala “ser pouco/muito carioca” em comparação com a voz do estímulo a partir da faixa etária 50+.	34
Gráfico 6: Distribuição da escala “ser pouco/muito carioca” em comparação com a voz do estímulo a partir da faixa etária 49-.	34
Gráfico 7: Distribuição geral da escala “ter pouco/muito estudo”.	36
Gráfico 8: Distribuição da escala “ter pouco/muito estudo” a partir da faixa etária 50+.	37
Gráfico 9: Distribuição da escala “ter pouco/muito estudo” a partir da faixa etária 49-.	37
Gráfico 10: Distribuição geral da escala “ter pouco/muito estudo” considerando a voz do estímulo.	38
Gráfico 11: Distribuição da escala “ter pouco/muito estudo” em comparação com a voz do estímulo a partir da faixa etária 50+.	38
Gráfico 12: Distribuição da escala “ter pouco/muito estudo” em comparação com a voz do estímulo a partir da faixa etária 49-.	39
Gráfico 13: Distribuição geral da escala “morar longe/perto de área nobre”.	40
Gráfico 14: Distribuição da escala “morar longe/perto de área nobre” a partir da faixa etária 50+.	41
Gráfico 15: Distribuição da escala “morar longe/perto de área nobre” a partir da faixa etária 49-.	41
Gráfico 16: Distribuição geral da escala “morar longe/perto de área nobre” considerando a voz do estímulo.	42
Gráfico 17: Distribuição da escala “morar longe/perto de área nobre” em comparação com a voz do estímulo a partir da faixa etária 50+.	42
Gráfico 18: Distribuição da escala “morar longe/perto de área nobre” em comparação com a voz do estímulo a partir da faixa etária 49-.	43
Gráfico 19: Características associadas à variante ‘pra ti’ de acordo com a voz do estímulo	44
Gráfico 20: Características associadas à variante ‘pra tu’ de acordo com a voz do estímulo	44
Gráfico 21: Características associadas à variante ‘pra você’ de acordo com a voz do estímulo	45

SUMÁRIO

1. Introdução	11
2. Revisão Bibliográfica	14
2.1 O Dativo e os Sintagmas Preposicionados no Português Brasileiro	14
2.2 Variação e Mudança na Expressão do Dativo no Português Brasileiro	14
2.3 Os pronomes dativos de 2ª pessoa na escrita epistolar carioca	16
2.4 A Escrita Digital de Cariocas e a Variação Pronominal Tu vs Você	17
3. Pressupostos teóricos e metodológicos	19
3.1 Sociolinguística Variacionista (Weinreich, Labov & Herzog, 1968; Labov, 1994)	19
3.2 O Problema da Avaliação (Weinreich, Labov & Herzog, 2006 [1968])	20
3.3 Os Significados Sociais da Variação (Eckert, 2019)	20
3.4 Metodologia do questionário de abordagem direta	21
3.5 Metodologia do questionário de abordagem indireta	22
4. Descrição e análise dos dados	28
4.1 Resultados do questionário de abordagem direta	28
4.2 Resultados do questionário de abordagem indireta	31
4.2.1 Escala pouco/muito carioca	31
4.2.2 Escala ter pouco/muito estudo	35
4.2.3 Escala morar longe/perto de área nobre	40
4.2.4 Outras características	43
5. Considerações finais	46
6. Referências Bibliográficas	48
7. Anexos	49

1. Introdução

Neste trabalho, nos propomos a analisar os significados sociais indexados pelos falantes da cidade do Rio de Janeiro e sua região metropolitana referente à percepção e avaliação dos pronomes dativos preposicionados de 2ª pessoa do singular – *pra você*, *pra ti* e *pra tu*. O ponto de partida para esta pesquisa foi o estudo diacrônico de Oliveira (2015), que descreveu as variantes dativas de 2SG que eram utilizadas em cartas pessoais escritas no Rio de Janeiro entre fins do século XIX e fins do século XX. Dentre os achados gerais nesse *corpus*, as formas pronominais preposicionadas (*a ti*, *para ti*, *a você* e *para você*) corresponderam a menos de 10% da amostra total de 811 dados, o que sugere uma baixa produtividade. Contudo, o autor destacou a total ausência dos sintagmas preposicionados *a ti* e *para ti* e o aumento na frequência das variantes ligadas a *você*, especificamente *para você*, na documentação da segunda metade do século XX (1956-1980).

Sendo assim, através de uma pesquisa aplicada em duas etapas, examinamos os significados sociais que as formas pronominais dativas podem indexar na variedade do Rio de Janeiro. Para isso, partimos das hipóteses de que: *pra você* é, em princípio, a variante preposicionada padrão no Rio de Janeiro; *pra ti*, pelas evidências diacrônicas, não faria mais parte do vernáculo carioca; *pra tu*, uma possibilidade prevista e atestada em pesquisas mais recentes, é fortemente estigmatizada.

Na primeira fase deste estudo foi adotado o método da abordagem direta com base em um questionário de reação subjetiva composto, primeiramente, por uma breve coleta de dados de caráter informativo (idade, gênero, ocupação atual, nível de escolaridade, local onde nasceu, onde reside atualmente etc.) e por 19 perguntas relacionadas ao tema em questão. Ao todo foram coletadas 26 respostas, entre participantes homens e mulheres com idades variadas. Abaixo temos dois exemplos dos tipos de perguntas que foram inseridas no questionário:

(01) “Se alguém diz a frase: ‘Ela ligou pra ti hoje de manhã’, o que você pensa da pessoa que falou isso?”

(02) “Na sua opinião, que tipo de pessoa você acha que fala mais assim? Homens, mulheres, jovens, idosos...? Por quê?”

Para a segunda fase da pesquisa foi elaborado um questionário de abordagem indireta, aplicado de forma remota através da plataforma *GoogleForms*, envolvendo uma tarefa de julgamento segundo a técnica de *matched-guise* (Lambert *et al.*, 1960) que, para além das perguntas de caráter demográfico, contava com 12 áudios diferentes e 6 índices. Após ouvir

os áudios, o participante deveria avaliar em uma escala entre 1 e 5, sendo 1 a mais baixa para o índice apresentado e 5 a mais alta. Abaixo também temos um recorte do questionário aplicado na segunda fase:

Figura 1: Recorte do questionário de abordagem indireta

Ouçã o áudio abaixo e selecione uma nota para cada escala:

Tente escutar com atenção e criar uma imagem do falante na sua cabeça enquanto ouve. Depois de ouvi-las, marque a opção mais conveniente.

*Atenção: use fones de ouvido para conseguir escutar o áudio com mais clareza. Você pode ouvir o áudio quantas vezes achar necessário.

Áudio 1

Áudio 1
SOCIOLINT UFRJ

Essa pessoa parece... *

1 2 3 4 5

Pouco carioca ☐ ☐ ☐ ☐ ☐ Muito carioca

Fonte: Elaboração própria

Com base nos resultados obtidos a partir dessas duas etapas de pesquisa, pretendia-se responder aos seguintes questionamentos: (i) como os falantes cariocas da atualidade percebem o uso das variantes dativas *pra você*, *pra ti* e *pra tu*? (ii) A que perfis sociais essas formas pronominais são associadas na variedade do Rio de Janeiro? (iii) Qual dessas variantes é a mais estigmatizada? Além disso, com base nas impressões dos participantes, visou-se mapear e analisar as avaliações sociais atribuídas a cada variante. Posto isto, a hipótese central, consoante o estudo de Oliveira (2015), prevê, a partir das reações dos participantes, que (i) *pra você* será a variante mais aceita e percebida como a forma vernacular do Rio de Janeiro; (ii) *pra ti* despertará certo estranhamento por não ser percebida como um uso típico dos cariocas; (iii) *pra tu* será reconhecida, porém estigmatizada e associada a falantes com baixo grau de escolaridade e/ou moradores de áreas menos prestigiadas da cidade.

Esta monografia encontra-se organizada da seguinte forma: na presente introdução, foram feitas a apresentação geral do objeto de estudo, definindo-o, e a exposição das questões norteadoras e respectivas hipóteses, além da descrição de parte da metodologia utilizada. Em seguida, para iniciar a análise do fenômeno em foco, será feita uma revisão bibliográfica. Para isso, revisitaremos estudos anteriores a este, como o de Oliveira (2015), já citado nesta introdução.

Na terceira seção, definiremos os pressupostos teóricos, com discussões sobre os fundamentos da sociolinguística, explicando as razões que nos levaram a adotar essa perspectiva teórica, bem como a metodologia de cada fase desta pesquisa, detalhando as etapas realizadas para a execução do estudo.

Na quarta seção, apresentaremos os resultados. Além disso, detalharemos os índices sociais controlados, mostrando os que tiveram significância estatística para esta pesquisa. Por fim, para a quinta seção, sintetizamos os resultados e conclusões acerca do fenômeno em forma de considerações finais.

2. Revisão Bibliográfica

Nesta seção, além de definir o que estamos chamando de dativo na pesquisa, revisaremos alguns estudos anteriores sobre o uso destes dativos. Dentre os estudos já realizados, destacamos principalmente aqueles que exploram os diferentes contextos de produtividade e a variedade carioca/fluminense.

2.1 O Dativo e os Sintagmas Preposicionados no Português Brasileiro

Em termos gerais, o caso dativo é utilizado para indicar o destinatário ou beneficiário de uma ação, ou seja, representa gramaticalmente o Objeto Indireto, e se apresenta de três formas: como pronome oblíquo átono, também conhecido como clítico dativo; como um objeto nulo (\emptyset), logo, não realizado foneticamente; como um sintagma preposicionado (SP), que é o objeto de estudo desta monografia. Nas palavras de Company (2006), o caso dativo:

Trata-se de uma extensão analógica do significado da preposição latina *ad*, mediante a qual o sentido etimológico original desta preposição, de direção para uma meta locativa (...), se estende para marcar uma entidade que é de alguma maneira alcançada pela ação do verbo, isto é, um OI, meta da transitividade. (Company, 2006, p. 495)

Vale ressaltar que as variantes preposicionadas de 2ª pessoa no Português Brasileiro representam uma inovação em relação à estrutura do latim, em que a função dativa era marcada por desinências específicas. No latim, o dativo era expresso diretamente pelo caso gramatical, sem o uso de preposições, enquanto no português, ao assumir a forma de Sintagma Preposicionado, o Objeto Indireto é introduzido pela preposição *a*, que, no Português Brasileiro, varia com a preposição *para*, e se tornaram fundamentais para a expressão do dativo. Essa transformação reflete uma mudança sintática ocorrida nas línguas românicas, nas quais a morfologia de flexões casuais foi substituída pelo emprego de estruturas analíticas. Abaixo temos alguns exemplos do caso dativo sendo marcado pelo uso da preposição “para”:

(03) Este presente é pra você

(04) Comprei isso aqui pra ti

(05) Trouxe o pão pra tu

2.2 Variação e Mudança na Expressão do Dativo no Português Brasileiro

A pesquisa de Gomes (2003) analisa o uso variável da preposição *a* que introduz o sintagma preposicionado de verbos cuja estrutura argumental prevê dois argumentos internos.

Neste estudo foram identificadas três variantes: *a*, *para* e ausência de preposição. Entre os verbos sujeitos à variação, estão os chamados dativos verdadeiros segundo a tipologia de Berlinck, como *dar* e *pedir* (transferência material), *dizer* e *ensinar* (transferência verbal), *levar* (movimento físico) e *atribuir* (movimento abstrato). Além disso, verbos leves, como *dar* em construções como “*dar apoio a*”, também apresentam variação similar na realização da preposição, ainda que sua estrutura seja distinta.

As gramáticas tradicionais reconhecem apenas a preposição *a* como adequada para introduzir complementos indiretos. Contudo, um estudo em tempo aparente com falantes cariocas (Gomes, 1996) apontou uma mudança em progresso: *a* é gradualmente substituída por *para* e especializada em contextos que expressam relações semânticas abstratas. Por exemplo, enquanto “dar um presente *pro* Papa” envolve *para* em transferência concreta, “não dão muita ênfase *a* isso” exemplifica o uso de *a* em contextos abstratos.

A alternância do pronome dativo, que envolve a presença ou ausência de preposição, é um fenômeno observado em diversas línguas. No português brasileiro, essa alternância ocorre de forma independente da posição do sintagma preposicionado em relação ao verbo. Exemplos como “o garoto escreveu coisas lindas *para* o pai” e “dei *a* ele o jogo” ilustram a liberdade na ordem dos complementos e na realização ou supressão da preposição. Essa independência contrasta com o inglês, onde a adjacência ao verbo frequentemente restringe as construções possíveis (como “I gave him the gift” ou “I gave the gift to him”).

Já a hipótese de Tarallo (1993) sugere que o PB favorece estruturas derivadas por apagamento *in situ*, o que explica a supressão da preposição em exemplos como “eu vendi [] ela dois votos”. Contudo, a ausência de preposição no PB não parece ser influenciada por restrições semânticas. Dados do estudo mostram que a omissão ocorre independentemente de o sintagma ser um recipiente ou envolver transferência material, como em “ensinar [] o povo regras básicas de saneamento”. Em contraste, complementos marcados por [-animado] requerem categoricamente *a*, como em “não dão ênfase *a* isso”.

A substituição de *a* por *para* reflete um processo sintático vinculado à reorganização do paradigma pronominal no PB. Nas palavras da autora:

A diminuição na retenção de clíticos está relacionada a um aumento da frequência de ocorrência de sintagmas preposicionados, principalmente dos de terceira pessoa, que pode ter influenciado a estrutura interna do sintagma verbal em relação à ordem dos complementos e à possibilidade de variação da preposição que acompanha o complemento indireto. (Gomes, 2003, p. 87).

Os dados do estudo mostram também que falantes cariocas preferem formas como “*para* ele” em vez de pronomes clíticos como “*lhe*”, especialmente em contextos informais. Essa tendência, segundo a autora, reforça o uso de “*para*”, que se destaca pela neutralidade em comparação com a formalidade de “*a*” e o estigma da forma nula. Logo, a mudança não é apenas superficial, pois “*para*” começa a codificar relações semânticas mais amplas, substituindo “*a*” em contextos que vão do concreto ao abstrato.

A relevância do estudo de Gomes (2003) para esta pesquisa se dá ao comprovar que falantes cariocas priorizam formas que são consideradas mais neutras, como a preposição “*para*”. A preferência por essa preposição nos levou a utilizar apenas estruturas que a apresentassem, como em “Ela comprou um presente *pra* você”. A neutralidade da preposição é importante para ressaltar a variante que está sendo estudada, evitando que os participantes fossem influenciados por outras informações da estrutura.

2.3 Os pronomes dativos de 2ª pessoa na escrita epistolar carioca

Oliveira (2015) analisa as formas pronominais dativas de 2ª pessoa na escrita epistolar carioca e fluminense, utilizando um *corpus* composto por 318 cartas pessoais, familiares e amorosas escritas entre 1880 e 1980. Sob a perspectiva da sociolinguística variacionista e histórica, o estudo investiga o uso de diferentes variantes, como os clíticos *te* e *lhe*, os sintagmas preposicionados (*a ti*, *para ti*, *a você*, *para você*) e o objeto nulo, marcado pela ausência de realização fonética, com o objetivo central de compreender os fatores linguísticos e extralinguísticos que influenciaram a escolha dessas formas, considerando a transição do pronome *tu* para *você*, especialmente após sua difusão como forma de sujeito no Português Brasileiro, a partir da década de 1930.

Os resultados apontaram que o clítico *te* era a variante predominante no *corpus* analisado, correspondendo a 57,2% das ocorrências, seguido pelo objeto nulo (22,3%) e pelo clítico *lhe* (11,3%). Já os sintagmas preposicionados apresentaram baixa frequência, sendo menos de 10% das ocorrências, e com *a ti* e *para ti* sendo gradualmente substituídos por *a você* e *para você*. Além disso, o estudo revelou que o uso de *te* não se limitou ao paradigma pronominal de *tu*, aparecendo também em combinação com *você*, como em “*Você* leu o livro que eu *te* dei?”. Essa combinação, tradicionalmente interpretada como uma ruptura da uniformidade de tratamento, é amplamente aceita no PB contemporâneo.

Do ponto de vista diacrônico, o estudo evidencia uma redução no uso de *te* e *a ti* ao longo do tempo, enquanto variantes como *lhe*, *a você* e o objeto nulo se tornaram mais frequentes. No período inicial (1880-1905), *te* e *a ti* eram as formas predominantes, refletindo

a prevalência de *tu* como forma de sujeito. Contudo, a partir de 1930, o paradigma de *você* começou a se consolidar, resultando no aumento do uso de formas inovadoras, como o objeto nulo e os sintagmas preposicionados associados a *você*. Já no período final (1956-1980), observou-se maior equilíbrio entre as variantes, com destaque para o uso de *lhe* e do objeto nulo em contextos mais formais.

Acerca dos fatores extralinguísticos, como o subgênero das cartas (pessoais, familiares ou amorosas), confirmou-se que estes desempenharam um papel significativo na escolha das variantes. As cartas amorosas favoreceram formas associadas ao *tu*, como *te* e *a ti*, devido ao tom lírico e íntimo característico desse subgênero. Por outro lado, nas cartas familiares e pessoais, que geralmente envolvem relações hierárquicas ou formais, *lhe* foi a variante mais recorrente. O estudo também aponta que remetentes com maior domínio dos padrões normativos tendiam a utilizar *lhe*, enquanto o clítico *te* permaneceu amplamente usado em cartas informais, independentemente da forma pronominal de sujeito. Por fim, o estudo conclui que a transição de *tu* para *você* no PB é complexa e não-linear, resultando na coexistência de variantes tradicionais e inovadoras no sistema pronominal dativo.

Ao revisitar o estudo de Oliveira (2015), percebemos que a baixa produtividade dos sintagmas preposicionados *a ti*, *para ti*, *a você* e *para você* está ligada a fatores extralinguísticos, como o subgênero da carta. Esses resultados nos levaram a investigar quais outras características podem ser associadas a estas variantes, influenciando a sua produtividade no dialeto carioca.

2.4 A Escrita Digital de Cariocas e a Variação Pronominal Tu vs Você

O trabalho de Lima (2013) investiga a variação pronominal entre *tu* e *você* no português carioca, com foco na escrita digital de jovens em interações no chat do Facebook, aproximando-se da linguagem oral. A pesquisa, baseada na sociolinguística variacionista e na perspectiva funcionalista, analisou 445 ocorrências de pronomes entre 20 jovens, considerando fatores internos, como a natureza semântica dos verbos, o tipo de oração e a função sintática, e externos, como gênero e tipo de interação.

Os resultados apontaram que verbos ilocucionais favorecem o uso de *tu*, enquanto verbos modais promovem *você*. O pronome *tu* também predomina em orações independentes, que conferem maior destaque ao discurso, enquanto *você* ocorre em contextos neutros. Um achado relevante foi a presença inovadora de *tu* em posições como a de objeto preposicionado, exemplificada por frases como “Tava ouvindo Bread, aí lembrei de *tu*”, sugerindo uma mudança linguística em curso. A alternância entre as variantes pelo mesmo

falante, como em “Se der eu mando um abraço *pra você*” e “Pô mó sacanagem nego me cortou quando ia mandar abraço *pra tu*”, reforça sua coexistência competitiva.

A pesquisa revelou importantes diferenças entre os gêneros dos falantes: os homens utilizam significativamente mais a forma *tu*, com 48% de ocorrências, comparado a 26% entre as mulheres. Esta diferença é ainda mais acentuada em conversas entre homens, chegando a 57%. Por outro lado, as mulheres demonstram maior tendência a usar a forma padrão *você*, por serem mais sensíveis ao uso das formas consideradas de prestígio. Mesmo em interações entre homens e mulheres, o uso do *tu* permanece relativamente alto (46%), contrastando com apenas 25% nas conversas entre mulheres e 27% quando mulheres se dirigem a homens.

A pesquisa conclui que o aumento do uso inovador de *tu* reflete um processo de mudança linguística no português carioca, impulsionado por fatores discursivos e sociais. Apesar do estigma, *tu* ressurge como uma variante dinâmica e adaptável às necessidades comunicativas, reafirmando o caráter heterogêneo e em transformação da língua. Ao revisar a pesquisa de Lima (2013) nota-se que a forma preposicionada ligada ao pronome *tu*, que havia sido gradativamente substituída pelo *você*, volta a ser utilizada no falar dos cariocas. Essas conclusões nos levaram a acrescentar essa estratégia como uma das possíveis variantes deste estudo, complementando, assim, o quadro pronominal *pra você*, *pra ti* e *pra tu*.

3. Pressupostos teóricos e metodológicos

A presente pesquisa foi embasada nos pressupostos teóricos da Sociolinguística Variacionista e, por se tratar de uma pesquisa de percepção, com maior destaque para o Problema da Avaliação (Weinreich, Labov & Herzog, 1968); nos pressupostos acerca dos significados sociais da variação (Eckert, 2019), atentando aos aspectos linguísticos e extralinguísticos. Nas próximas subseções, explicaremos as razões que nos levaram a adotar essa perspectiva teórica, bem como a metodologia de cada fase desta pesquisa, detalhando as etapas realizadas para a execução do estudo.

3.1 Sociolinguística Variacionista (Weinreich, Labov & Herzog, 1968; Labov, 1994)

A Sociolinguística Variacionista, especialmente as contribuições de Labov (1994) e Weinreich, Herzog e Labov (2006 [1968]), oferece uma base teórica fundamental para compreender a variação linguística em relação aos fatores sociais. Segundo esses autores, a variação linguística não é um fenômeno aleatório, mas sim um reflexo das condições sociais em que a língua é falada. Para Labov (1994), as variantes linguísticas estão diretamente relacionadas aos fatores sociais, como classe social, gênero, idade e, no caso da presente pesquisa, o local de fala (no Rio de Janeiro e região metropolitana). Esses fatores influenciam a escolha de determinadas formas pronominais e a maneira como essas escolhas são percebidas pela sociedade.

Em relação ao uso dos pronomes dativos de 2ª pessoa do singular *pra você*, *pra ti* e *pra tu*, a pesquisa parte da hipótese de que *pra você* será a forma mais aceita e percebida como a variante “vernacular” do Rio de Janeiro. Isso está alinhado com a teoria de Labov, que sugere que a variante mais amplamente utilizada em determinado contexto social tende a ser vista como mais prestigiada ou mais neutra. Por outro lado, as formas *pra ti* e *pra tu* são associadas a diferentes contextos sociais, possivelmente sendo percebidas como variantes com menor prestígio ou associadas a falantes de classes sociais mais baixas ou de áreas periféricas da cidade, como é o caso da variante *pra tu*, ou fortemente associadas a outras regiões do país, como é o caso da variante *pra ti*.

A abordagem de Weinreich, Labov e Herzog (1968) também destaca a importância das mudanças linguísticas ao longo do tempo e dentro das comunidades de fala. No caso desta pesquisa, a variação pronominal reflete não apenas as preferências linguísticas, mas também as transformações sociais no Rio de Janeiro, especialmente no que diz respeito à identidade urbana e à relação entre diferentes classes sociais e regiões da cidade.

3.2 O Problema da Avaliação (Weinreich, Labov & Herzog, 2006 [1968])

O Problema da Avaliação (Weinreich, Labov & Herzog, 2006 [1968]) é uma das questões centrais na sociolinguística, pois trata da forma como os falantes avaliam as variantes linguísticas em seu ambiente social. Segundo os autores, as variantes linguísticas não são avaliadas de maneira objetiva, mas sim através de um filtro de julgamentos sociais que refletem as atitudes e preconceitos sociais predominantes. A avaliação social das variantes pode influenciar as escolhas linguísticas dos falantes, bem como as atitudes que eles têm em relação a outras formas linguísticas.

Na pesquisa aqui proposta, o Problema da Avaliação é central, pois investiga como as variantes *pra você*, *pra ti* e *pra tu* são percebidas pelos participantes. A técnica de julgamento subjetivo, empregada através de questionários de reação e da técnica *matched-guise* (Lambert et al., 1960), permite que os participantes atribuam um valor social a essas variantes com base em fatores como faixa etária, grau de instrução e localidade do falante. Ao adotar essa abordagem, a pesquisa analisa como as variantes pronominais são avaliadas e associadas a estigmas ou prestígios sociais, como acontece com *pra tu*, que, conforme as hipóteses iniciais, será estigmatizada e associada a falantes com menor grau de escolaridade ou oriundos de áreas menos prestigiadas da cidade.

O Problema da Avaliação possibilita, assim, a compreensão de como a avaliação social de uma variante linguística não apenas reflete a percepção do falante, mas também as dinâmicas de poder, classe e identidade presentes na sociedade. A avaliação das variantes pronominais está, portanto, intimamente ligada a essas dimensões sociais, e o estudo dessas percepções oferece uma visão detalhada de como as variantes são avaliadas de acordo com a localização e a condição social dos falantes.

3.3 Os Significados Sociais da Variação (Eckert, 2019)

A teoria dos significados sociais da variação, proposta por Eckert (2019), amplia a análise da variação linguística, sugerindo que as escolhas linguísticas não são apenas um reflexo de normas sociais, mas também de identidades e significados sociais específicos. Para Eckert, a variação linguística está intimamente ligada à identidade social dos falantes. Cada forma linguística carrega consigo um conjunto de significados sociais que os falantes associam a fatores como classe social, pertencimento a grupos específicos e as relações de poder no contexto social.

No contexto desta pesquisa, os pronomes dativos de 2ª pessoa do singular *pra você*, *pra ti* e *pra tu* são mais do que simples formas linguísticas. Eles carregam significados sociais

específicos que são interpretados de maneira diferente dependendo da identidade social dos falantes. Por exemplo, *pra você* pode ser visto como mais formal e associado a uma postura mais urbana e cosmopolita, enquanto *pra ti* pode ser mais intimista e regional, possivelmente associado a falantes de classes sociais médias ou de regiões específicas. Já *pra tu* tende a ser visto como uma forma mais estigmatizada, relacionada a uma percepção de menor prestígio social, especialmente quando usada por falantes de áreas periféricas ou de classes sociais mais baixas.

A proposta de Eckert (2019) permite analisar como essas formas pronominais estão ligadas não apenas a práticas linguísticas, mas também a um conjunto de identidades sociais. Na pesquisa, isso é refletido na maneira como os participantes percebem e avaliam essas variantes, associando-as a diferentes posições sociais e culturais dentro da sociedade carioca. Assim, a variação pronominal não é apenas um reflexo de escolhas linguísticas, mas também de como os falantes se veem e veem os outros.

3.4 Metodologia do questionário de abordagem direta

Nesta fase tivemos ao todo 26 participantes, todos nascidos ou residentes perenes do Rio de Janeiro e região metropolitana, atuantes em diversas áreas, sendo 7 dessas entrevistas feitas remotamente, via *Google Meet*, por questões de praticidade e conforto para os voluntários. A tabela abaixo ilustra a distribuição dos participantes pelas variáveis gênero e faixa etária, obtida para a coleta de dados na primeira fase:

Tabela 1: Relação gênero X faixa etária dos informantes do questionário de abordagem direta

Idade	Homens	Mulheres	Total
Entre 18 e 29 anos	7	11	18
Entre 30 e 49 anos	1	3	4
50 anos ou mais	1	3	4
Total	9	17	26

Fonte: Elaboração própria

No questionário, além de uma coleta de dados de caráter informativo (idade, gênero, ocupação atual, nível de escolaridade, local onde nasceu, onde reside atualmente etc.), havia 19 perguntas, sendo 5 destas para contextualizar e iniciar a entrevista. Para esse fim, foram usadas perguntas como “Costuma prestar atenção em como as pessoas falam no dia a dia?” e

“O que mais chama a sua atenção no jeito de falar das pessoas?”. Não foi solicitado nenhum dado pessoal, como nome, endereço ou qualquer tipo de documento que pudesse identificar quem estivesse participando do experimento.

Os participantes eram pessoas conhecidas da autora desta monografia, com perfis sociais e faixas etárias diversificadas e que se voluntariaram para participar da pesquisa. As respostas foram registradas em áudio com a autorização verbal dos entrevistados que foram informados de que as gravações não seriam divulgadas. Após a gravação, os áudios foram reproduzidos novamente e foi feito um fichamento das respostas, anotando as características que foram associadas e as respostas dos entrevistados. As 7 entrevistas feitas através da plataforma *GoogleMeet* também foram registradas em áudio. Os participantes estavam em suas casas, em ambiente tranquilo, com fones de ouvido.

Nas outras 14 perguntas diretas sobre o fenômeno analisado, foi solicitado aos voluntários que fizessem comentários e avaliações pessoais acerca o uso das variantes dativas preposicionadas a partir de suas intuições em frases previamente selecionadas como “Ela ligou *pra* você hoje”, “Ele mandou um presente *pra* ti” e “Ela pediu uma ajuda *pra* tu”. O questionário continha perguntas que visavam instigar os informantes a expor suas opiniões sobre a idade, faixa etária, nível de escolaridade e nível socioeconômico do perfil de falante que hipoteticamente usaria as frases apresentadas, além de seus juízos de valor quanto à estigmatização do uso. Com o intuito de analisar como e em quais contextos estes falantes acreditariam utilizar as variantes estudadas, também foram elaboradas perguntas de caráter autoavaliativo, como “Você costuma falar desse jeito?” e, em caso de negação, questionado o porquê.

As perguntas diretamente relacionadas às variantes estudadas foram elaboradas tendo em mente uma sequência comparativa. Primeiro, iniciamos com a variante *pra* você que, nas hipóteses, seria a forma vernacular, portanto considerada “neutra”. Em seguida passamos para a variante *pra* ti e, por último, *pra* tu, sempre repetindo as mesmas perguntas, como “Na sua opinião, que tipo de pessoa você acha que fala mais assim?” e “Na sua opinião, falar assim é um problema?”. Na última seção desta monografia, encontra-se o conjunto de perguntas que foram feitas durante a abordagem direta e uma amostra da ficha de informações pessoais dos participantes.

3.5 Metodologia do questionário de abordagem indireta

Na segunda etapa, foi adotado um método de abordagem indireta, envolvendo uma tarefa de julgamento segundo a técnica de *matched-guise* (Lambert *et al.*, 1960), por meio da

qual se pretendia verificar com quais significados sociais os participantes relacionariam as variantes dativas de 2SG. A técnica consiste em apresentar aos participantes gravações ou discursos do mesmo indivíduo utilizando diferentes dados, que podem ser sotaques, línguas ou, como no caso da presente pesquisa, variantes linguísticas. Os ouvintes, que não sabem que todas as gravações pertencem às mesmas pessoas, avaliam cada amostra com base em atributos como simpatia, inteligência, confiabilidade, status social, entre outros critérios. Esse método permite revelar estereótipos associados a idiomas ou variantes linguísticas, separando-os de julgamentos sobre o indivíduo, já que os participantes não sabem nenhuma característica dele.

Sendo assim, foram apresentados no formulário índices sociais associados à localidade, à faixa etária, ao grau de instrução, aos padrões de comportamento social - como efeminação, religiosidade, virilidade, franqueza e arrogância - baseados nas respostas das reações subjetivas da primeira etapa. O questionário foi desenvolvido e aplicado através da plataforma *Google Forms*, com o intuito de alcançar um maior público. Abaixo temos um recorte do quadro com outras características que não estavam nos índices mas que poderiam ser selecionadas pelo participante.:

Figura 2: Recorte do quadro de características extras.

Ouvindo esse áudio, essa pessoa também parece...

- ☐ Vaidosa
- ☐ Direta
- ☐ Religiosa
- ☐ Carinhosa
- ☐ Íntima
- ☐ Arrogante
- ☐ Idosa
- ☐ Informal
- ☐ Agressiva
- ☐ Gentil
- ☐ Outro: _____

Fonte: Elaboração própria

No início do formulário, foram coletados dados demográficos dos participantes (idade, gênero, ocupação atual, nível de escolaridade, local onde nasceu, onde reside atualmente etc.), novamente sem ser solicitado nenhum dado pessoal como nome, endereço eletrônico ou

qualquer tipo de documento que possa identificar quem participou do experimento. Ao todo, foram coletadas 41 respostas, das quais 33 atendiam os pré-requisitos estabelecidos para esta pesquisa. Abaixo, temos uma tabela que mostra a distribuição dos participantes da segunda fase, após a filtragem das respostas coletadas, e um recorte das informações pessoais que eram solicitadas aos participantes:

Tabela 2: Relação gênero X faixa etária dos informantes do questionário de abordagem indireta

Idade/Gênero	Homens	Mulheres	Total
Entre 18 e 29 anos	2	5	7
Entre 30 e 49 anos	4	5	9
50 anos ou mais	9	8	17
Total	15	18	33

Fonte: Elaboração própria

Figura 3: Recorte de alguns dados solicitados aos participantes

Data de nascimento *

Data

15/09/2000

Seu gênero *

Feminino

Estado de origem *

RJ

Estado onde mora atualmente *

RJ

Cidade em que mora atualmente: *

Rio de Janeiro

Fonte: Elaboração própria

Para os estímulos, foram gravados 12 áudios de quatro voluntários para serem colocados em seções diferentes do questionário: um homem e uma mulher mais velhos (acima de 70 anos), com vozes mais maduras, e um homem e uma mulher mais jovens (de 27 e 33 anos, respectivamente), com vozes mais joviais. Em todos os áudios, os voluntários produzem a mesma frase: “Oi Ana, encontrei a Maria ontem. Ela disse que comprou um presente X.”, com X sendo uma das variantes (*pra você, pra ti e pra tu*) analisadas nesta pesquisa.

O intuito da escolha de diferentes vozes era realçar as características subjetivas que os participantes relacionam com diferentes gêneros e faixas etárias. A ordem dos falantes e das variantes nos áudios está representada no quadro abaixo em que se lê: A como áudio; H e M, respectivamente, homem e mulher; 1 como referência para a voz mais madura e 2 para a voz mais jovial; V, Ti e Tu representam a variante presente no áudio:

Tabela 3: Ordem dos falantes e das variantes nos áudios apresentados no questionário de abordagem indireta

A1	A2	A3	A4	A5	A6	A7	A8	A9	A10	A11	A12
H1V	M2Ti	H2Tu	M1V	H1Ti	M2Tu	H2V	M1Ti	H2Tu	M2V	H2Ti	M1Tu

Fonte: Elaboração própria

Após ouvir os áudios, o participante deveria selecionar uma opção em uma escala entre 1 e 5, sendo 1 o extremo da escala que indicava baixíssima vinculação do áudio ouvido ao índice em questão e 5 indicava o oposto, altíssima vinculação do estímulo com o índice. Ao final do questionário também foi colocada uma seção para avaliação da pesquisa por parte dos participantes com critérios como objetividade, clareza, grau de dificuldade e intuição, além de um espaço para sugestões e/ou comentários. Nesta etapa da pesquisa não foram incluídas perguntas “autoavaliativas”, em que era questionado ao participante se ele usa ou não a variante apresentada. A figura abaixo ilustra como o áudio, o índice e a escala estavam dispostos no questionário, a partir da visão do participante:

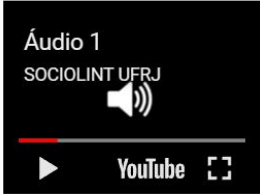
Figura 4: Recorte do questionário com o áudio e um dos critérios de avaliação utilizados.

Ouçã o áudio abaixo e selecione uma nota para cada escala:

Tente escutar com atenção e criar uma imagem do falante na sua cabeça enquanto ouve. Depois de ouvi-las, marque a opção mais conveniente.

*Atenção: use fones de ouvido para conseguir escutar o áudio com mais clareza. Você pode ouvir o áudio quantas vezes achar necessário.

Áudio 1



Essa pessoa parece... *

	1	2	3	4	5	
Pouco carioca	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito carioca

Fonte: Elaboração própria

Para esta fase da pesquisa, os índices escolhidos para avaliação foram: pouco/muito Carioca; pouco/muito Jovial; ter pouco/muito Estudo; morar perto/longe de Área Nobre; pouco/muito Masculino, em áudios de mulheres e Feminino, em áudios de homens; e pouco/muito Afeminado. Esses índices foram formulados a partir dos pressupostos da Sociolinguística Variacionista, com o intuito de investigar a qual localidade, classe social, gênero e faixa etária os participantes relacionam as variantes analisadas.

Com base nos Significados Sociais da Variação (Eckert, 2019), que argumenta que as escolhas linguísticas não refletem apenas normas sociais, mas também identidades e significados sociais específicos, foi elaborada uma lista de características associadas às variantes linguísticas. Essas características foram previamente identificadas pelos participantes por meio de um questionário de abordagem direta. A partir dessas associações, foram incluídas categorias como: vaidosa, direta, religiosa, carinhosa, íntima, arrogante, idosa, informal, agressiva e gentil.

Além disso, o questionário também apresentou caixas de seleção para cada característica mencionada, proporcionando maior flexibilidade ao participante na escolha das

opções. Um espaço adicional foi disponibilizado para que os respondentes pudessem incluir outras características que considerassem relevantes, mas que não estivessem listadas previamente, ampliando as possibilidades de interpretação e análise dos significados sociais atribuídos às variantes.

Dito isso, as previsões acerca das respostas dos participantes, baseando-se novamente nas respostas dadas na primeira etapa desta pesquisa, foram que (i) *pra você*, por ser a forma vernacular mais comum, não será fortemente associada a nenhuma característica socioeconômica; (ii) *pra ti* seria fortemente associada ao público mais velho e de fora do Rio de Janeiro, além de ser considerada mais “íntima”, “formal” e “carinhosa”; e (iii) *pra tu* seria fortemente associada ao público mais jovem, com baixa escolaridade e moradores de áreas menos prestigiadas, além de ser considerada “informal”, “arrogante” e “direta”.

4. Descrição e análise dos dados

4.1 Resultados do questionário de abordagem direta

Após a aplicação do questionário de abordagem direta, as respostas obtidas foram mapeadas em uma planilha. A partir das respostas subjetivas dadas pelos participantes, foram feitas três nuvens de palavras através do site *WordArt*, uma para cada variante estudada. O tamanho das palavras reflete a frequência com que foram mencionadas pelos participantes, assim quanto maior o tamanho, maior a incidência, como mostram as figuras a seguir:

Figura 5: Nuvem de palavras com características associadas ao uso da variante ‘pra você’.



Fonte: Elaboração própria através do site WordArt

Figura 6: Nuvem de palavras com características associadas ao uso da variante ‘pra ti’.



Fonte: Elaboração própria através do site WordArt

Figura 7: Nuvem de palavras com características associadas ao uso da variante ‘pra tu’.



Fonte: Elaboração própria através do site WordArt

A partir das nuvens criadas, podemos observar que a variante *pra você* é considerada a mais comum, não gerando estranhamento nos participantes e, portanto, provocando comentários que indicam uma percepção naturalizada da variante, como “comum”, “quotidiano”, “normal” e “padrão”. Esse resultado confirma a hipótese inicial desta pesquisa acerca dessa variante, assim como os resultados das pesquisas feitas por Gomes (2003) e Oliveira (2015), que afirmam que a preposição *para* e o pronome *você* já estariam consolidados no falar carioca.

Ademais, observando a Figura 5 podemos afirmar que *pra ti* foi, sobretudo, fortemente associada como uma variante “não carioca” e relacionada, principalmente, com a região Sul do país. Além de ter gerado comentários relacionados à classe social e afetividade, ela também foi associada com outras características como afetividade, formalidade e informalidade, gentileza e carinho. Os resultados obtidos estão de acordo com a hipótese inicial e com os resultados da pesquisa de Oliveira (2015), que atestaram a baixa produtividade dos sintagmas preposicionados *a ti* e *pra ti*, correspondendo a menos de 10% das ocorrências, para além de serem encontrados principalmente em cartas amorosas e o seu desaparecimento no terceiro período de tempo analisado.

Por fim, a variante *pra tu* foi, essencialmente, relacionada com informalidade, assim como com baixos índices de classe social e escolaridade. Dentre as outras características associadas, pode-se observar “íntimo” e “entre amigos”, que sugere um uso em ambientes informais, além de contradições como “raro” e “carioca”, o que pode sugerir também que essa variante é mais comum entre um grupo específico de pessoas. Novamente, os resultados concordam com a hipótese inicial de que esta seria a variante mais estigmatizada, ao ser

associada com classes socioeconômicas mais baixas e menor escolaridade. Abaixo, reproduzimos alguns trechos das respostas dadas pelos participantes:

- (06) “[pra ti] eu sinto algo mais pessoal nisso, não sei(...) eu não sei ao certo quando usar, se tem um momento de usar, mas(...) pra mim só fica mais bonitinho na frase... eu acho fofo... não sei, eu sinto como se fosse algo mais pessoal” - Entrevista 04. (Homem, 18)
- (07) “[pra ti] aqui no Rio eu já acharia que a pessoa é de fora, porque a gente não fala assim... geralmente no sul do país o pessoal lá fala mais... em São Paulo... então já acharia que não é uma pessoa do Rio/ é costume... tem questões de... né... regionalidade? Mas eu acho que é mais costume. Se, por exemplo, eu morasse no sul talvez eu acabasse pegando esse costume, entendeu?” - Entrevista 14. (Mulher, 27)
- (08) “[pra ti] acho que pessoas mais idosas... Acho que é uma coisa que eles trazem da época que eles... É... Eram jovens né... No caso assim, mais idosos que eu falo são aqueles casos assim 70/80+” - Entrevista 13. (Mulher, 54)
- (09) “[pra tu] eu imagino alguém mais jovem falando... acho que fica marcado a relação de tipo... tentar ser descolado, diferente, sabe?” - Entrevista 03. (Mulher, 23)
- (10) “[pra tu] eu imagino que seria uma pessoa culta, sem um relacionamento próximo, sem uma intimidade...” - Entrevista 10. (Homem, 53)
- (11) “[pra tu] acho que tu fica bem mais pessoal e eu acho que... Tem discursos que são bem impessoais... Isso já aponta uma certa... É... Acho que jovem que tem mais essa questão de comunicação mais impessoal, de querer falar ‘tu’ ...” - Entrevista 02. (Mulher, 22)

Com base nas respostas classificadas como “autoavaliativas”, foi analisado que 100% dos entrevistados na primeira fase afirmaram usar a variante *pra você* no dia a dia; 23% responderam utilizar a variante *pra ti*, sendo 5 destes entre 18 e 29 anos; e 65% a variante *pra tu*, sendo apenas 1 participante acima de 30 anos. Com relação ao uso das variantes, temos a seguir mais alguns trechos das respostas:

- (12) “[pra tu] depende de com quem eu to falando... acho que, sei lá... pra minha mãe... falaria, assim, mais com pessoas que eu tenho proximidade em falar” - Entrevista 02. (Mulher, 22 anos)
- (13) “[pra você] eu acho que todo mundo... igual pra todo mundo/ se eu falo ‘pra ti’ é mais quando eu falo de emoção ou tipo... com mais carinho/ [pra ti] eu acho bonito quando elas (Anavitória) falam assim/ no meu caso é ligado mais à emoção, ao romântico, ao carinho...” - Entrevista 06. (Mulher, 18 anos)

Com relação à variável grau de instrução, em que foi perguntado aos participantes que tipo de variante seria mais usada por alguém com um nível alto de escolaridade, 76% relacionaram a variante *pra você* com alta escolaridade, enquanto 23% não associaram a nenhum grau e houve apenas uma ocorrência de associação de *pra ti* e *pra tu*, sendo a última complementada com a modalização “no meio acadêmico”. Já no tocante à variável faixa etária, a tabela abaixo ilustra a porcentagem de participantes que associou as variantes a diferentes faixas etárias:

Tabela 4: Comentários relacionados à variável faixa etária.

Variante/Faixa Etária	Jovem	Adulto	Idoso	Não associa
-----------------------	-------	--------	-------	-------------

pra você	22%	15%	0%	63%
	06/27	04/27	0/27	17/27
pra ti	11%	15%	33%	41%
	03/27	04/27	09/27	11/27
pra tu	43%	15%	15 %	27%
	11/26	04/26	04/26	07/26

Fonte: Elaboração própria

Conforme mostra a tabela, a variante *pra você* teve 63% das respostas não a associando fortemente com nenhuma das faixas etárias, enquanto *pra ti* teve um maior equilíbrio entre as respostas, sendo relacionada principalmente com o grupo mais velho. Por outro lado, a variante *pra tu* foi fortemente associada ao grupo mais jovem.

A partir dos resultados da primeira fase, conclui-se que: (i) os falantes consideram a variante *pra você* como a mais comum/natural na cidade do Rio de Janeiro, tendo também a maior porcentagem de afirmação de uso; (ii) 23% dos participantes reconheceram usar a variante *pra ti* nas respostas autoavaliativas, sendo a maioria entre 18 e 24 anos. Apesar disso, ela foi, sobretudo, relacionada aos idosos, com 33% de associações, e é fortemente ligada a pessoas de fora do Rio de Janeiro; (iii) uma parte considerável dos falantes afirmou, ainda que de maneira modalizada, utilizar a variante *pra tu* no cotidiano, para além de ser associada às classes sociais e níveis de escolaridade mais baixos, junto com a informalidade, ela também foi associada à faixa etária mais jovem (43% de associações).

4.2 Resultados do questionário de abordagem indireta

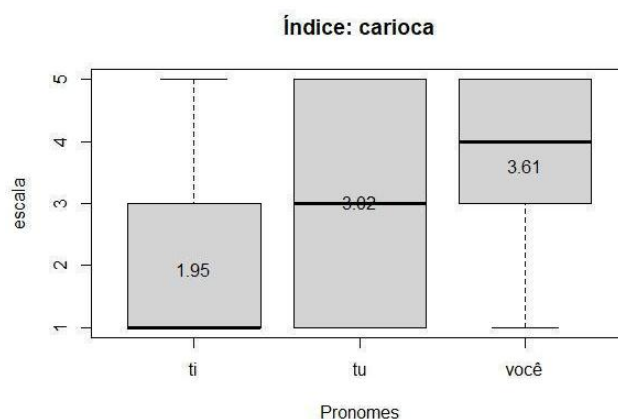
Na presente subseção, apresentaremos, através de gráficos feitos pela plataforma *Rstudio*, os resultados obtidos ao observar as respostas do questionário de abordagem indireta com relação aos significados sociais *ser pouco/muito carioca*; *ter pouco/muito estudo*; e *morar longe/perto de área nobre*. Os índices de jovialidade, masculinidade, feminilidade e afeminação inicialmente incluídos nesta pesquisa não apresentaram resultados significativos e, por isso, não estarão presentes na análise.

4.2.1 Escala pouco/muito carioca

Baseadas nas respostas da primeira etapa desta pesquisa, as hipóteses iniciais acerca do índice “ser pouco/muito carioca” previam que: (i) a variante *pra ti* seria vista como pouco

carioca; (ii) a variante *pra tu* seria vista, comparativamente, com *pra ti* como mais carioca; e (iii) *pra você* seria considerada a mais carioca das três. O gráfico abaixo apresenta os resultados observados para as três variantes analisadas com relação à escala *pouco/muito carioca*:

Gráfico 1: Distribuição geral da escala “ser pouco/muito carioca”.

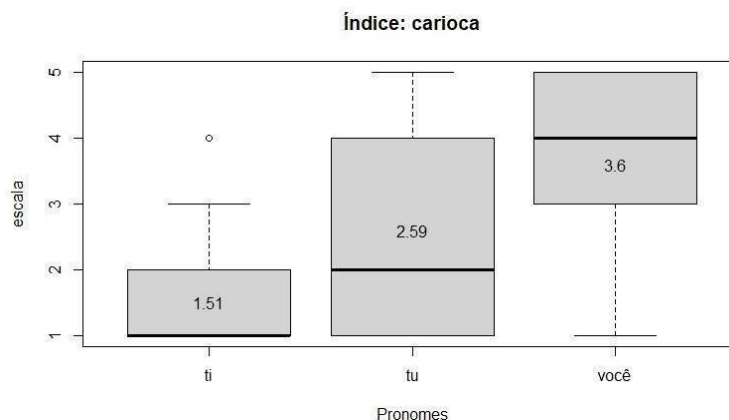


Fonte: Rstudio

Como podemos observar, a hipótese sobre a variante *pra ti* (representada no gráfico apenas pelo pronome) se confirma, sendo esta fortemente indicada como “pouco carioca” pelos participantes. A análise estatística sinalizou, através do Teste de Kruskal-Wallis ($\chi^2 = 79,07$, $p < 0,001$), que as diferenças na avaliação das variantes *pra ti* e *pra você* foi significativa ($Z = -8,77$, $p < 0,001$), assim como a avaliação entre *pra ti* e *pra tu* ($Z = -5,64$, $p < 0,001$). A avaliação entre as variantes *pra tu* e *pra você* também se mostrou significativa ($Z = -3,14$, $p < 0,01$), ainda que a variante *pra tu* não tenha sido fortemente associada nem com ser pouco ou muito carioca.

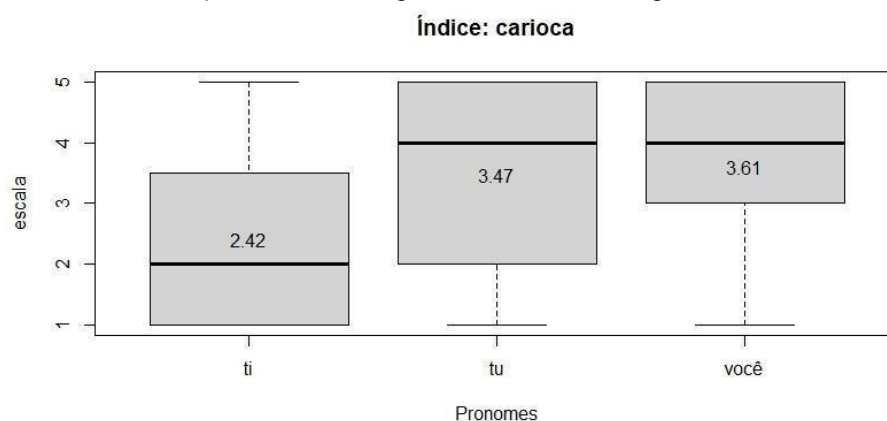
Para ampliar a análise desta pesquisa, foram investigadas as avaliações de acordo com as faixas etárias com o intuito de verificar quais características eram mais associadas por cada faixa etária. A fim de ter uma análise mais equilibrada e por conta do maior número de respostas de participantes na faixa de 50+, foi decidido unir as faixas de 18 a 29 e 30 a 49 anos, tendo, assim, uma quantidade mais aproximada de respostas para os dois grupos. As avaliações das faixas etárias estão representadas respectivamente nos gráficos abaixo:

Gráfico 2: Distribuição da escala “ser pouco/muito carioca” a partir da faixa etária 50+.



Fonte: Rstudio

Gráfico 3: Distribuição da escala “ser pouco/muito carioca” a partir da faixa etária 49-.

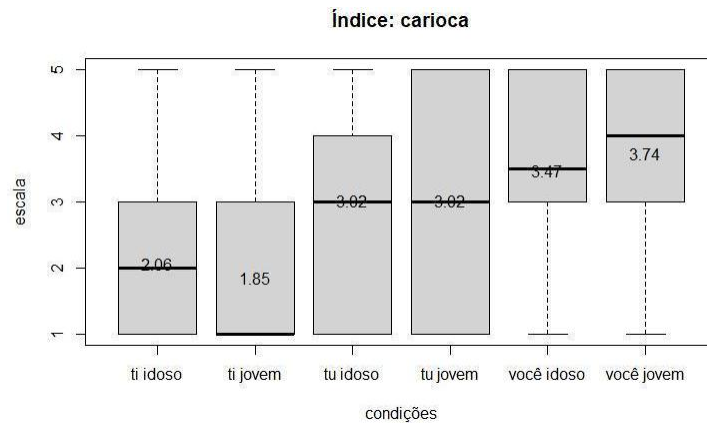


Fonte: Rstudio

Através dos gráficos, é possível verificar que as avaliações das duas faixas etárias para a variante *pra você* são bastante similares. Por outro lado, o grupo de 50+ avaliou significativamente como menos carioca a variante *pra ti* em comparação com o grupo de 49-, que teve sua variabilidade de respostas chegando a 3,5. Ainda, é possível afirmar que o grupo mais jovem considerou a variante *pra tu* como mais carioca que o grupo mais velho, com suas concentrações de resposta indo, respectivamente, do 5 ao 2 e do 4 ao 1.

Ampliando ainda mais a análise desse índice, foram feitos testes comparativos com as vozes que eram ouvidas nos áudios a fim de explorar como falantes mais velhos e/ou mais novos eram percebidos. Abaixo podemos observar o gráfico geral que foi criado a partir dessas respostas:

Gráfico 4: Distribuição geral da escala “ser pouco/muito carioca” em comparação com a voz do estímulo.

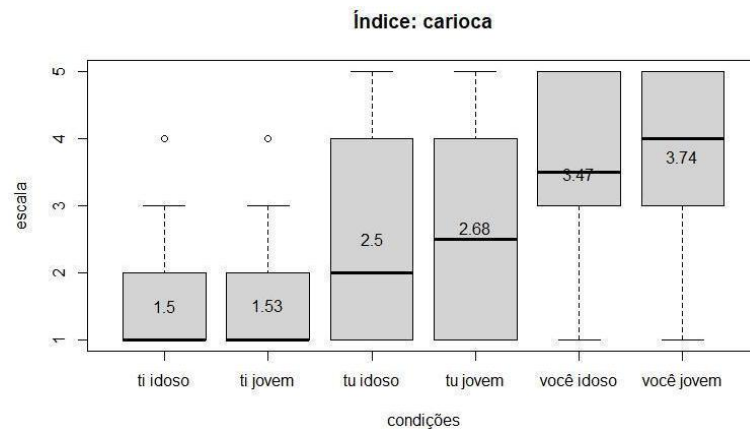


Fonte: Rstudio

Neste gráfico, a partir das medianas verificamos que a variante *pra ti* em vozes mais jovens é considerada menos carioca quando comparada com vozes mais velhas. Em contrapartida, a variabilidade de respostas para a variante *pra tu* é significativamente maior em relação às outras, em especial quando associada a vozes mais jovens, mostrando que, a princípio, ela não foi fortemente associada nem com ser pouco ou muito carioca. Além disso, ainda observando os dados de *pra tu*, os participantes associaram a voz mais velha como “menos carioca” em comparação com a voz mais jovem.

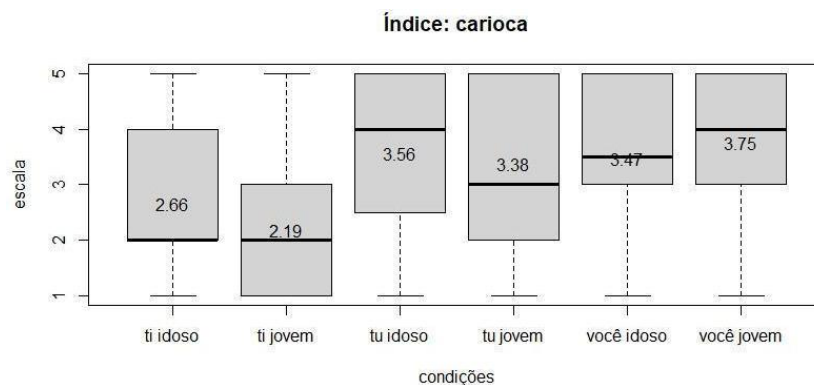
Apesar da variabilidade nas respostas ter sido parecida, a variante *pra você* manteve a concentração de respostas de 5 a 3 na escala, novamente sendo considerada a mais carioca de todas, diferenciando as vozes apenas pela mediana que indica que, para esta variante, as vozes mais jovens foram consideradas mais cariocas do que as mais velhas. Por outro lado, a variante *pra ti* apresentou o oposto, sendo mais associada com “ser carioca” quando reproduzida por uma voz mais velha. Abaixo podemos ver os gráficos que foram gerados mostrando de forma mais detalhada como o grupo de 50+ e de 49-, respectivamente, avaliaram vozes mais maduras e mais joviais:

Gráfico 5: Distribuição da escala “ser pouco/muito carioca” em comparação com a voz do estímulo a partir da faixa etária 50+.



Fonte: Rstudio

Gráfico 6: Distribuição da escala “ser pouco/muito carioca” em comparação com a voz do estímulo a partir da faixa etária 49-.



Fonte: Rstudio

Novamente, a avaliação das faixas etárias com relação à variante *pra você* se mostrou semelhante tanto para vozes mais velhas quanto para vozes mais jovens, além de ainda ser considerada a mais carioca de todas, mais uma vez validando a hipótese inicial de que esta seria a variante reconhecida como comum entre todos os participantes. Entretanto, com relação a variante *pra ti*, enquanto o grupo de 50+ manteve a baixa associação com “ser carioca” para as vozes mais velhas e mais jovens, tendo sua concentração de respostas entre 2 e 1, o grupo de 49- a avaliou parcialmente como mais carioca, sobretudo em vozes mais maduras, com a concentração de respostas entre 4 e 2 para vozes mais velhas e entre 3 e 1 para vozes mais jovens.

Com relação à variante *pra tu*, o grupo mais velho também avaliou como pouco carioca as duas vozes, mas ao analisar as medianas percebe-se que foi em especial as vozes mais maduras. Essa avaliação se inverteu ao observarmos comparativamente a avaliação feita pelo grupo mais jovem, que, no geral, avaliou como menos carioca as vozes mais jovens, tendo sua concentração de respostas entre 5 e 2, enquanto para o grupo mais velho foi de 5 a

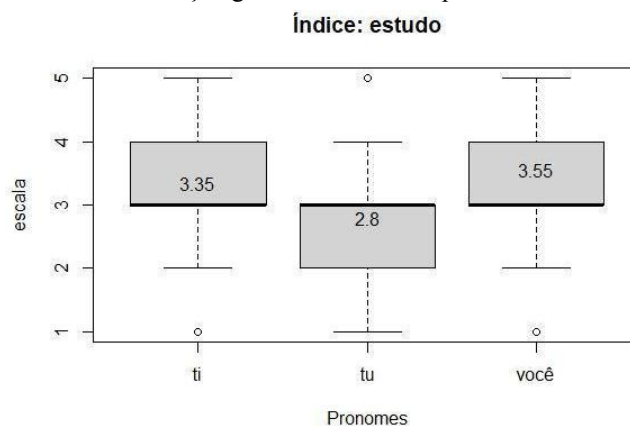
3,5. Essa diferença entre a avaliação do grupo mais jovem para vozes mais maduras e mais jovens pode ser melhor percebida ao observar as medianas.

Em suma, podemos afirmar que as hipóteses a respeito das variantes se confirmaram, uma vez que (i) *pra você* foi vista como muito carioca por todos os participantes, independentemente da voz que era apresentada; (ii) ao olhar para os resultados gerais, *pra tu* foi a segunda variante mais considerada “carioca”, principalmente entre o grupo de 49-. Por sua vez, o grupo de 50+ avaliou a variante *pra tu* como mais carioca quando reproduzida por vozes mais jovens, enquanto o grupo de 49- as considerou menos carioca em comparação com vozes mais velhas; (iii) também observando os resultados gerais de cada faixa etária, a variante *pra ti* foi definida como a menos carioca de todas por todos os participantes, em especial pelo grupo mais velho, que teve sua concentração de respostas entre 2 e 1, enquanto o grupo mais jovem teve a concentração de respostas entre 3,5 e 1.

4.2.2 Escala ter pouco/muito estudo

Para o índice de “ter pouco/muito estudo”, também baseadas nas respostas da primeira etapa desta pesquisa, as hipóteses iniciais previam que: (i) a variante *pra você* por ser considerada a mais comum entre os participantes, não seria fortemente associada nem com pouco ou muito estudo; (ii) a variante *pra ti* seria vista como indicativo de maior estudo; (iii) a variante *pra tu* seria estigmatizada, e, portanto, relacionada a pessoas com pouca escolaridade. O gráfico abaixo apresenta os resultados gerais das avaliações para as três variantes analisadas com relação à escala *ter pouco/muito estudo*:

Gráfico 7: Distribuição geral da escala “ter pouco/muito estudo”.

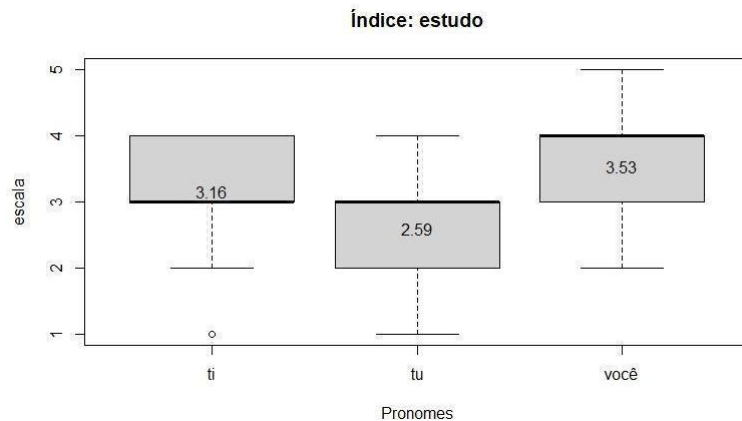


Fonte: Rstudio

Como previsto, a variante *pra você* não foi fortemente associada nem com pouco ou muito estudo, tendo sua mediana em 3, ainda que a concentração das respostas esteja entre 4 e 3. Ainda assim, esse resultado pode ser interpretado como uma leve associação com “mais estudo”. A variante *pra ti* também apresentou resultados parecidos, que contrariam a hipótese inicial de que esta seria a mais associada com maior grau de estudo. Ademais, é importante observar que apenas a variante *pra tu* teve sua caixa de concentração de respostas indo de 3 a 2, no sentido de “pouco estudo”, sendo a única que chegou abaixo de 3 e não ultrapassou essa marca.

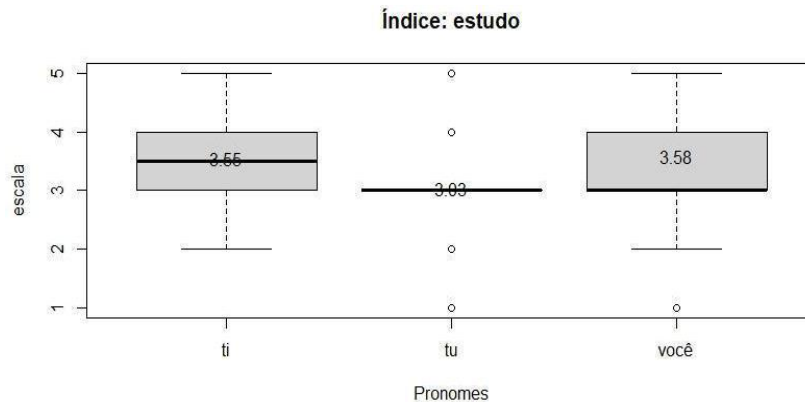
Além disso, o resultado estatístico, também realizado através do Teste de Kruskal-Wallis ($\chi^2 = 55,49$, $p < 0,001$), indicou que a diferença na avaliação entre as variantes *pra ti* e *pra você* não foi significativa ($Z = -2,00$, $p = 0,07$), enquanto que nas outras comparações os resultados foram significativos, sendo entre *pra ti* e *pra tu* $Z = 5,21$, $p < 0,001$, e *pra tu* e *pra você* $Z = -7,21$, $p < 0,001$. Assim como no índice anterior, separamos as respostas entre as faixas etárias de 50+ e 49- com o intuito de melhor investigar como esses grupos avaliam separadamente as variantes estudadas nesta pesquisa. Os resultados podem ser observados, respectivamente, nos gráficos abaixo:

Gráfico 8: Distribuição da escala “ter pouco/muito estudo” a partir da faixa etária 50+.



Fonte: Rstudio

Gráfico 9: Distribuição da escala “ter pouco/muito estudo” a partir da faixa etária 49-.

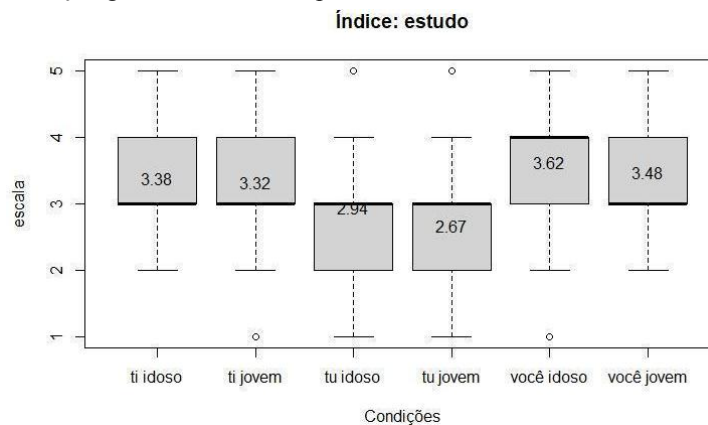


Fonte: Rstudio

Ao filtrar as respostas pela faixa etária dos participantes, é possível observar que o grupo de 50+ associa muito mais a variante *pra tu* com baixa escolaridade, enquanto o grupo de 49- teve menos diversidade nas respostas, se concentrando principalmente em 3. Este dado sugere que a variante pode ser considerada mais comum para esta faixa etária, fazendo com que ela não seja fortemente associada como indicativo de pouco ou muito estudo. A respeito da variante *pra ti*, apesar de as concentrações de respostas serem muito parecidas para as duas faixas etárias, indo de 4 a 3, ao observar a mediana concluímos que o grupo mais jovem, em comparação com o mais velho, considerou a variante como maior indicativo de escolaridade.

No que se refere à variante *pra você*, que também teve uma concentração das respostas entre 4 e 3, parecida para as duas faixas etárias, apresentou resultados diferentes ao analisar as medianas, sendo associada com menor escolaridade pelo grupo mais jovem, enquanto apresentando uma mediana alta, chegando quase em 4, para os mais velhos. Assim como no índice “muito/pouco carioca”, com o intuito de investigar mais como os diferentes tipos de falantes são avaliados, analisamos os dados a partir das vozes dos estímulos que eram apresentados no questionário. Abaixo é possível ver o gráfico geral que foi criado a partir das respostas e considerando a voz do falante:

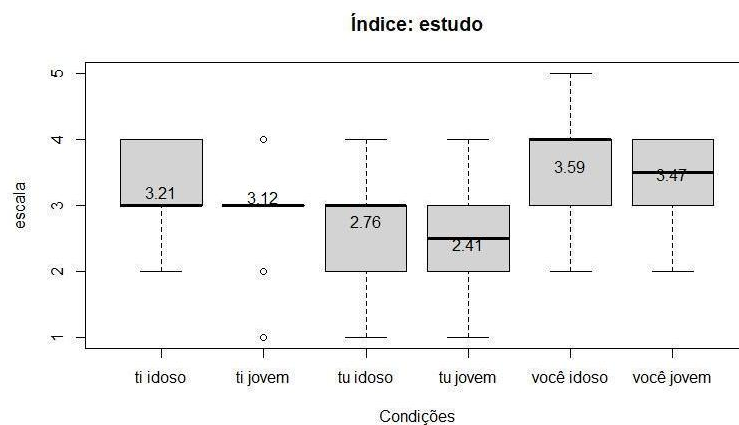
Gráfico 10: Distribuição geral da escala “ter pouco/muito estudo” considerando a voz do estímulo.



Fonte: Rstudio

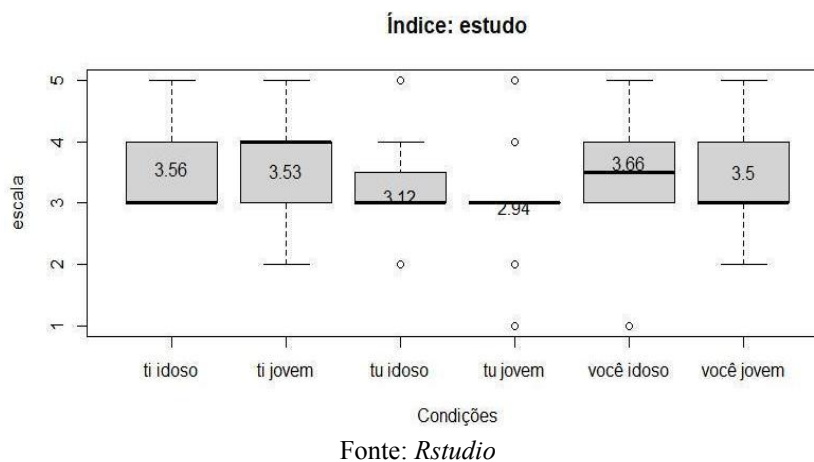
Mais uma vez a concentração de respostas entre 3 e 2 indica que a variante *pra tu* é a mais associada com baixos níveis de escolaridade, independente da voz do falante. Além disso, a partir das medianas, podemos inferir que a variante *pra você* em vozes mais maduras é, de todas, a mais associada como “ter muito estudo”. Por outro lado, em vozes mais jovens ela manteve a mediana em 3, assim como os dados de *pra ti*, também sem apresentar muitas diferenças nas avaliações entre as vozes mais velhas e mais jovens dos estímulos. Abaixo podemos ver mais detalhadamente como o grupo de 50+ e de 49-, respectivamente, avaliaram vozes mais maduras e mais joviais de acordo com o critério analisado nesta seção:

Gráfico 11: Distribuição da escala “ter pouco/muito estudo” em comparação com a voz do estímulo a partir da faixa etária 50+.



Fonte: Rstudio

Gráfico 12: Distribuição da escala “ter pouco/muito estudo” em comparação com a voz do estímulo a partir da faixa etária 49-.



Aqui é possível observar que o grupo de 50+ avalia a variante *pra tu* como indicativo de baixo índice de escolaridade, em especial quando usado por jovens, enquanto o grupo mais jovem associa menos as três variantes com níveis menores de escolaridade, independentemente da idade do falante. Também é interessante notar que, apesar de não associar a variante com menor escolaridade, o grupo de 49- associou o uso de *pra tu* em vozes mais velhas com mais escolaridade do que em vozes mais jovens.

Do mesmo modo, o grupo de 50+ teve a concentração de respostas para ‘ti idoso’ entre 4 e 3, enquanto para ‘ti jovem’ manteve a concentração apenas em 3, associando menos a variante *pra ti* com níveis mais altos de escolaridade quando reproduzida por vozes mais jovens. Ainda comparando as respostas dos grupos acerca da variante *pra você*, é possível observar que ela foi mais associada a níveis mais altos de escolaridade pelo grupo de 50+ do que pelo de 49-, em especial em vozes mais velhas.

Além disso, pode-se afirmar que no grupo mais velho há uma associação mais clara: os pronomes *pra você* (tanto para vozes mais velhas, quanto mais jovens) e *pra ti* em vozes mais jovens são relacionados com maiores índices de estudo, enquanto *pra tu* (especialmente ‘tu jovem’) está relacionado com menor índice de escolaridade. Em contrapartida, no grupo de 49- a ordem de maior associação com maiores níveis de escolaridade é de *pra ti* em vozes jovens, seguido de *pra você* em vozes mais velhas.

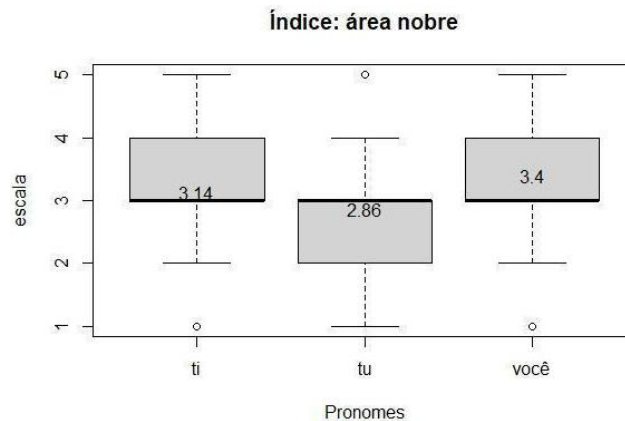
Diante do exposto nesta seção, podemos concluir que *pra tu* foi a mais associada com baixos níveis de escolaridade, em exclusividade pelo grupo de participantes na faixa etária de 50+, comprovando a hipótese inicial acerca desta variante. Por outro lado, a variante *pra ti* não foi associada a altos níveis de escolaridade, o que contraria a hipótese inicial baseada nas

respostas da primeira etapa desta pesquisa. Por fim, a variante *pra você*, assim como a variante *pra ti*, também não foi fortemente associada nem com pouco ou muito indicativo de escolaridade. Entretanto, por sua concentração chegar a 4 em todos os gráficos, pode-se interpretar uma leve associação com níveis mais altos de escolaridade.

4.2.3 Escala morar longe/perto de área nobre

A respeito do índice “morar longe/perto de área nobre”, as hipóteses iniciais previam que (i) a variante *pra você*, novamente, não seria fortemente relacionada com morar perto ou longe de área nobre; (ii) a variante *pra ti* seria associada a áreas mais nobres, principalmente em comparação com *pra tu*; e (iii) a variante *pra tu* seria fortemente associada com regiões menos prestigiadas, assim como foi associada a pessoas com baixa escolaridade. O gráfico abaixo representa as respostas gerais dos participantes:

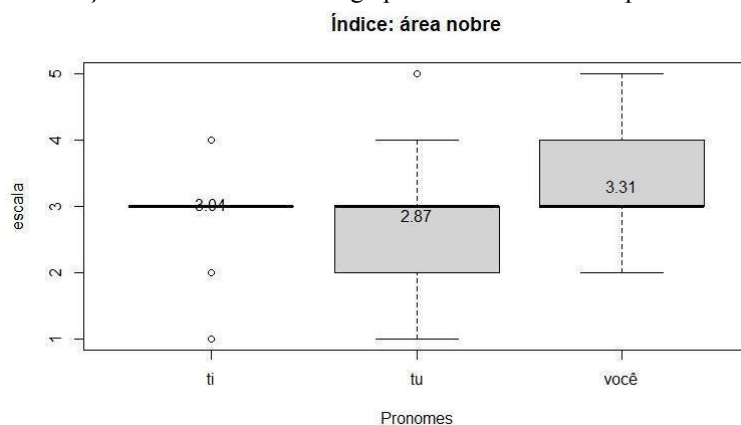
Gráfico 13: Distribuição geral da escala “morar longe/perto de área nobre”.



Fonte: Rstudio

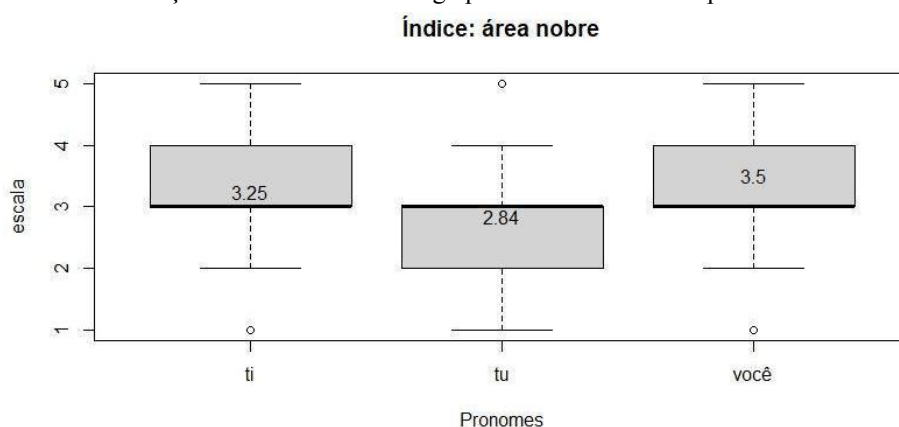
Assim como no índice “ter pouco/muito estudo”, apenas a variante *pra tu* teve a variabilidade de respostas abaixo de 3, tendo sua concentração de avaliações entre 3 e 2. Ao compararmos com *pra ti* e *pra você*, ainda que estas não tenham sido fortemente associadas a morar perto de área nobre, é mais evidente a diferença nas avaliações. A análise estatística, também feita através do teste de Teste de Kruskal-Wallis ($\chi^2 = 35,80$, $p < 0,001$), evidenciou que a diferença na avaliação entre as variantes *pra ti* e *pra tu* foi significativa ($Z = 3,40$, $p < 0,01$), assim como *pra ti* e *pra você* ($Z = -2,56$, $p < 0,05$), e *pra tu* e *pra você* ($Z = -5,96$, $p < 0,001$). Novamente separamos os resultados pelos grupos etários 50+ e 49-, representados, respectivamente, no gráfico abaixo:

Gráfico 14: Distribuição da escala “morar longe/perto de área nobre” a partir da faixa etária 50+.



Fonte: Rstudio

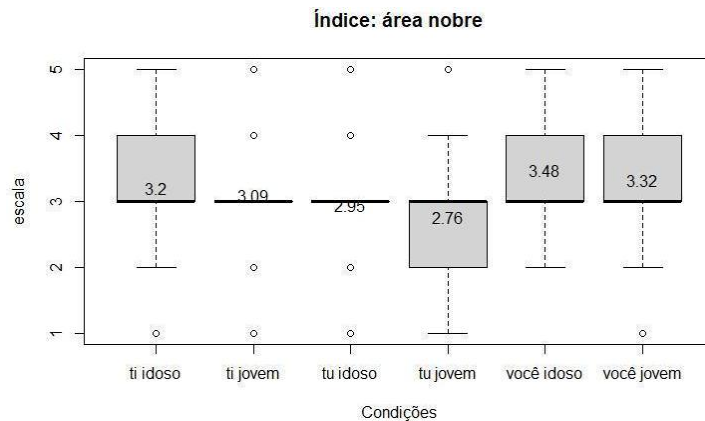
Gráfico 15: Distribuição da escala “morar longe/perto de área nobre” a partir da faixa etária 49-.



Fonte: Rstudio

Outra vez observamos que as avaliações dos dois grupos para as variantes *pra tu* e *pra você* foram semelhantes. Mais uma vez, apenas a variante *pra tu* teve a avaliação em direção a “morar longe de área nobre”, enquanto a variante *pra você* não foi fortemente associada com morar perto ou longe de área nobre, apenas com uma leve associação com morar mais próximo de áreas nobres por sua concentração chegar a 4, comprovando parcialmente as hipóteses iniciais. Por outro lado, a variante *pra ti* teve uma concentração de respostas em 3 pelo grupo mais velho, indicando que não houve uma clara associação com morar próximo ou longe de área nobre, o que contraria as suposições de que esta variante seria vista como indicativo de “morar próximo de área nobre”. Como forma de ampliar as análises, abaixo é possível ver os gráficos que relacionam a avaliação geral dos participantes com as vozes dos estímulos:

Gráfico 16: Distribuição geral da escala “morar longe/perto de área nobre” considerando a voz do estímulo.



Aqui, diferentemente do índice “ter pouco/muito” estudo, a variante *pra ti*, mais especificamente quando reproduzida por vozes mais jovens, não foi fortemente associada nem com pouco, ou muito estudo, mantendo sua concentração de respostas em 3. O mesmo pode ser observado nas avaliações da variante *pra tu* em vozes mais velhas. A única variante que apresentou uma concentração de avaliações abaixo de 3, na direção de “morar longe de área nobre”, foi a variante *pra tu* em vozes mais jovens, com sua caixa de concentração de respostas entre 3 e 2. Ademais, a variante *pra ti* em vozes mais velhas, e *pra você* em vozes mais velhas e mais jovens tiveram avaliações aproximadas. Para entender melhor essa diferença nas avaliações, separamos os resultados pelos grupos etários, respectivamente, 50+ e 49-:

Gráfico 17: Distribuição da escala “morar longe/perto de área nobre” em comparação com a voz do estímulo a partir da faixa etária 50+.

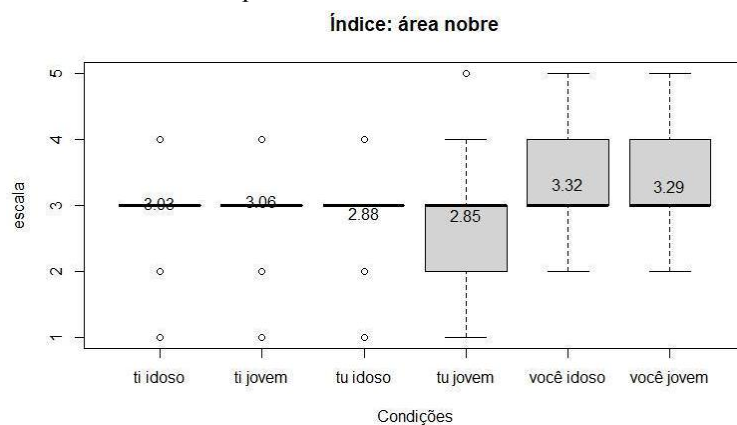
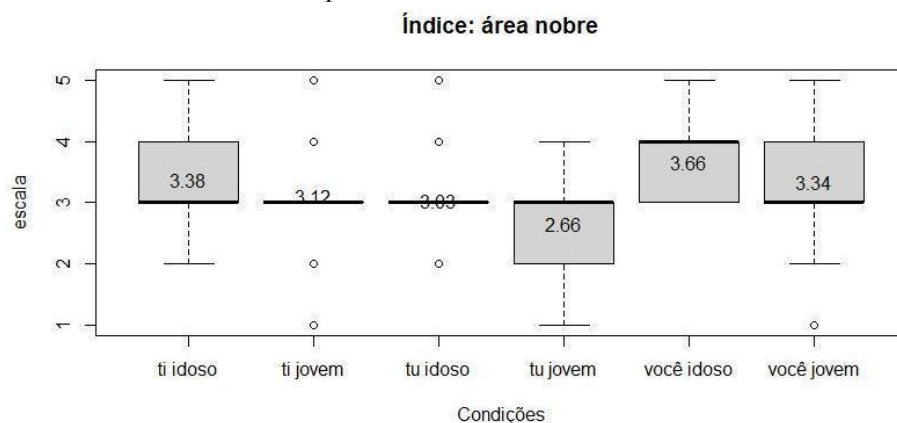


Gráfico 18: Distribuição da escala “morar longe/perto de área nobre” em comparação com a voz do estímulo a partir da faixa etária 49-.



Fonte: Rstudio

Aqui, é mais evidente a diferença nas avaliações entre os grupos, principalmente ao observar as variantes *pra ti* e *pra você* nos estímulos com vozes mais velhas. Enquanto o grupo de 50+ não teve uma associação clara da variante *pra ti* em vozes mais velha com morar longe ou perto de área nobre, o grupo de 49- teve a concentração de respostas entre 4 e 3. Ainda, o grupo mais jovem associou as variantes *pra ti* (idoso) e *pra você* (geral) como indicativo de morar próximo de área nobre, com a mediana mais alta, próxima de 4, para os estímulos de *pra você* em vozes mais velhas.

Outro ponto que deve ser mencionado é que, nos dois grupos, a variante *pra tu* em vozes mais jovens foi a única associada com morar longe de área nobre, tendo sua concentração de respostas entre 3 e 2 nos dois grupos. Além disso, a variante *pra você*, quando reproduzida nos estímulos de vozes mais velhas, não recebeu nenhuma avaliação abaixo de 3 pelo grupo mais jovem.

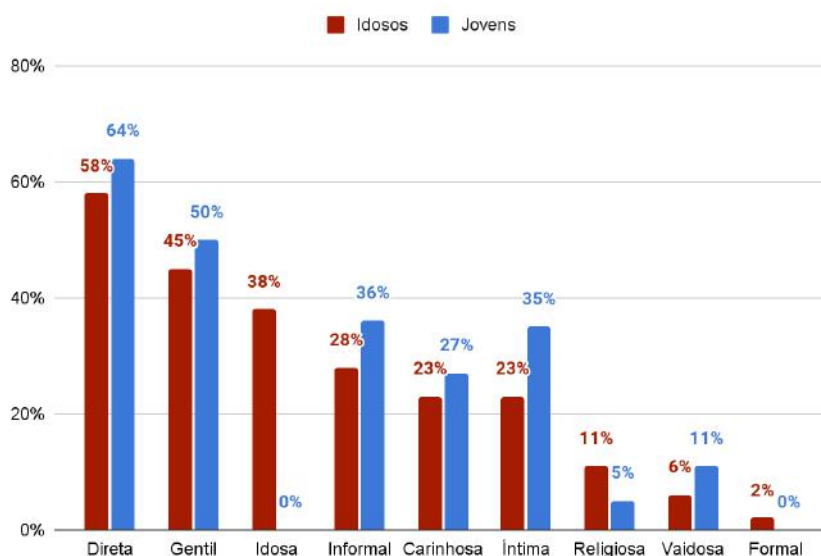
Em suma, a partir do que foi exposto nesta seção, é possível afirmar que: (i) a variante *pra tu* foi a única associada pelos dois grupos etários com morar longe de área nobre, em especial quando reproduzida nos estímulos com vozes mais jovens; (ii) a variante *pra ti* não foi claramente associada pelo grupo mais velho à nenhuma região, enquanto o grupo mais jovem associou apenas a variante *pra ti* em vozes mais jovens com morar perto de área nobre; (iii) a variante *pra você* se manteve com avaliações equilibradas entre todos os grupos, independente da voz do estímulo.

4.2.4 Outras características

Como mencionado na seção de metodologia, após os índices de cada estímulo, também era apresentado um quadro em que o participante poderia selecionar, opcionalmente,

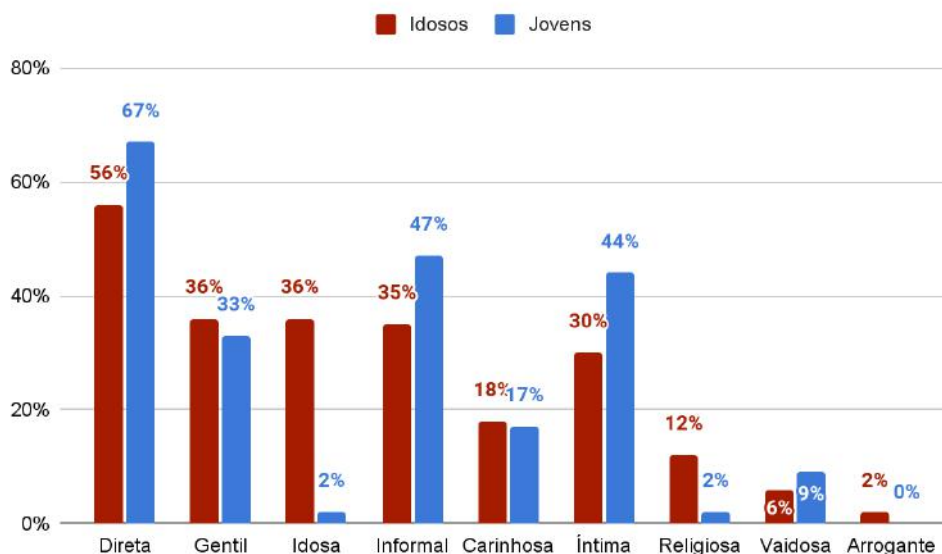
outras características que pudessem ser associadas àquele estímulo, além de um espaço em branco para acrescentar algo caso a característica não estivesse listada. As respostas foram catalogadas em uma planilha do *Google* para a elaboração de gráficos que ilustrassem as características que foram associadas às vozes mais velhas (em vermelho) e mais jovens (em azul), de acordo com cada variante. Abaixo temos os gráficos que ilustram as avaliações feitas acerca das variantes:

Gráfico 19: Características associadas à variante ‘pra ti’ de acordo com a voz do estímulo



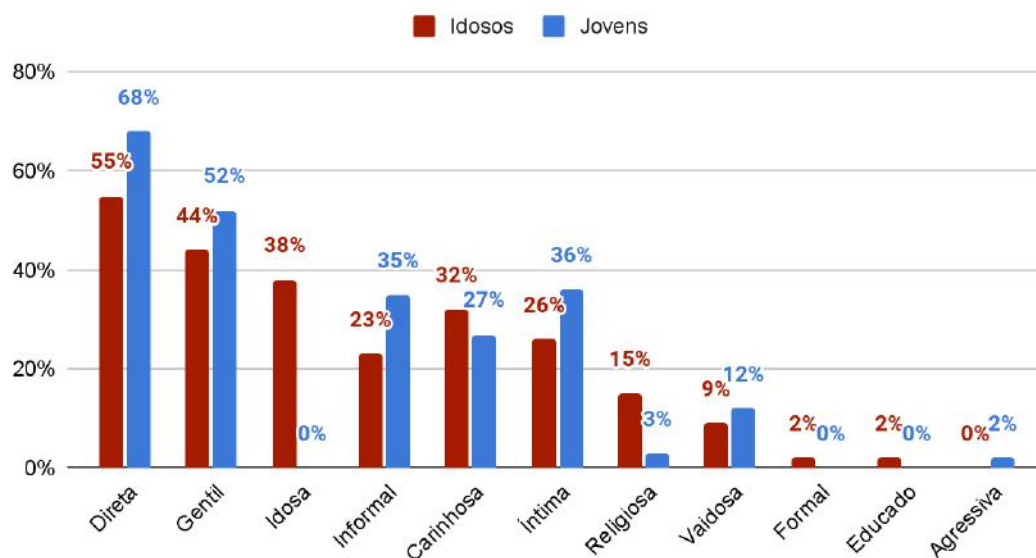
Fonte: Elaboração própria

Gráfico 20: Características associadas à variante ‘pra tu’ de acordo com a voz do estímulo



Fonte: Elaboração própria

Gráfico 21: Características associadas à variante ‘pra você’ de acordo com a voz do estímulo



Fonte: Elaboração própria

Ao analisar as tabelas, é perceptível que as vozes mais jovens foram avaliadas nas três variantes como mais informais, íntimas e diretas em comparação com as vozes mais velhas. Ainda, acredita-se que a avaliação da característica “idosa” não foi feita de forma adequada pelos participantes, que podem ter considerado somente a voz ao invés da estrutura, levando-os a avaliar as vozes mais velhas como idosas. Por fim, ao observar a característica “gentileza”, nota-se que as vozes mais jovens foram consideradas mais gentis ao utilizar as variantes *pra você* e *pra ti*, além de, no geral, essas variantes terem sido mais avaliadas como “gentis” em comparação com *pra tu*.

5. Considerações finais

A presente pesquisa objetivava analisar como as formas dativas pronominais de 2ª pessoa do singular eram avaliadas por falantes cariocas e da região metropolitana do Rio de Janeiro. Para isso, foram utilizados como fundamentação teórica os pressupostos da Sociolinguística Variacionista e, por se tratar de uma pesquisa de percepção, com maior destaque para o Problema da Avaliação (Weinreich, Labov & Herzog, 1968; Labov, 1994); e nos pressupostos acerca dos significados sociais da variação (Eckert, 2019), atentando-se aos aspectos linguísticos e extralinguísticos.

Buscamos, ainda, responder aos seguintes questionamentos: (i) como os falantes cariocas da atualidade percebem o uso das variantes dativas *pra você*, *pra ti* e *pra tu*? (ii) A que perfis sociais essas formas pronominais são associadas na variedade do Rio de Janeiro? (iii) Qual dessas variantes é a mais estigmatizada? E para isso foram feitas coletas de dados através de uma metodologia de abordagem direta, com base em um questionário de reação subjetiva, e indireta, por meio de um formulário aplicado remotamente envolvendo a tarefa *matched-guise* (Lambert *et al.*, 1960).

Após os resultados do questionário de abordagem direta, concluiu-se que: (i) a variante *pra você* foi considerada como a mais comum/normal entre os participantes, sendo classificada como “padrão”; (ii) a variante *pra ti* é associada à pessoas de fora do Rio de Janeiro, em especial com a região Sul do país, além de ser considerada formal; e (iii) a variante *pra tu* foi associada principalmente com informalidade, classes sociais mais baixas e de pouca escolaridade, além de não ser totalmente reconhecida como uma variante do Rio de Janeiro.

Em seguida, através dos resultados gerais do questionário de abordagem indireta, conseguimos coletar dados que levaram às seguintes conclusões: (i) na atualidade, a variante *pra ti* é fortemente percebida como não carioca e não é fortemente associada a perfis socioeconômicos mais altos; (ii) a variante *pra você* foi percebida como a mais carioca de todas e, assim como a variante *pra ti*, não foi fortemente associada a perfis socioeconômicos mais altos; (iii) a variante *pra tu* foi a única mais associada com níveis mais baixos de escolaridade e com regiões mais afastadas de áreas nobres, além de não ter sido claramente associada com o Rio de Janeiro e sua região metropolitana.

Por outro lado, ao ampliar as análises separando as respostas pelas faixas etárias dos participantes e dos estímulos, foi possível observar que o grupo de 50+ associou mais a variante *pra tu* com menores níveis de escolaridade e como menos carioca em comparação

com o grupo de 49-, e que os dois grupos associaram a variante com morar longe de áreas nobres somente em vozes mais jovens.

Sendo assim, para responder os questionamentos iniciais, conclui-se os falantes cariocas da atualidade percebem a variante *pra ti* como pouco carioca, sem ser fortemente associada a perfis socioeconômicos mais altos; enquanto a variante *pra tu* é associada a baixa escolaridade, principalmente pela faixa etária mais velha, e a regiões mais afastadas de áreas nobres, em especial quando reproduzida por jovens, além de não ser considerada nem como muito, nem pouco carioca; e, por fim, a variante *pra você* é percebida como muito carioca, sem receber outras associações acerca de perfis socioeconômicos.

6. Referências Bibliográficas

- ECKERT, P. *Three waves of variation study: The emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation*. Annual Review of Anthropology, n. 41, p. 87-100, jun. 2012;
- ECKERT, P. *The limits of meaning: Social indexicality, variation, and the cline of interiority*. Language, v. 95, n. 4, 2019, p. 751-776;
- GOMES, C. A. *Variação e Mudança na Expressão do Dativo no Português Brasileiro*. In: PAIVA, M. C.; DUARTE, M. E. L. (Org.). Mudança linguística em tempo real. Rio de Janeiro: Contracapa Editora, 2003. p. 81-96.
- GOMES, C. A. *Uso variável do dativo na escrita jornalística: resistência e inovação na escrita formal contemporânea*. In: PAIVA, M. da C.; GOMES, C. A. (Orgs). Dinâmica da variação e da mudança na fala e na escrita. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2015, v. 1, p. 107-119.
- LABOV, W. *Padrões Sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008 [1972];
- LAMBERT, WALLACE E. et al. *Evaluational Reactions to Spoken Languages*. Journal of Abnormal and Social Psychology Vol. 60, no. 1 (January 1960): 44–51;
- LIMA, Y. D. R. *A escrita digital de cariocas e a variação pronominal tu vs você*. Revista da Abralin, 2013.
- OLIVEIRA, T. L. *Entre o Linguístico e o Social: Complementos Dativos de 2ª Pessoa em Cartas Cariocas (1880-1980)*. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ. 2014.
- OLIVEIRA, T. L. *Os pronomes dativos na escrita epistolar carioca*. LaborHistórico, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, 2015, p. 81-98;
- WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola, [1968] 2006.

7. Anexos

- Anexo A: Formulário de perguntas do questionário de abordagem direta.

Um pouco sobre o entrevistado:

1. Você gosta/gostava de estudar?
2. E de ler?
3. E de escrever?
4. Costuma prestar atenção em como as pessoas falam no dia a dia?
5. O que mais chama a sua atenção no jeito de falar das pessoas?

Sobre o fenômeno estudado:

1. Se alguém diz a frase:
 - a. “Ela ligou pra você hoje de manhã”
 - b. “Ele mandou um presente pra você”
 - c. “Ela pediu pra você ir lá hoje”

O que você pensa da pessoa que falou isso? Qual o perfil dessa pessoa?

2. Na sua opinião, que tipo de pessoa você acha que fala mais assim? Homens, mulheres, jovens, idosos...?
3. Na sua opinião, existe algum tipo de situação que as pessoas falem mais assim? Quando estão alegres, tristes? Nervosas?
4. Por que você acha que as pessoas falam assim?
5. Na sua opinião, falar assim é um problema?
6. Você costuma falar frases desse tipo? (Se a resposta for não: por quê?)
7. E se a frase fosse:
 - a. “Ela ligou pra ti/tu hoje de manhã”
 - b. “Ele mandou um presente pra ti/tu”
 - c. “Ela pediu ti/tu ir lá hoje”

O que você pensa da pessoa que falou isso? Qual o perfil dessa pessoa?

8. Na sua opinião, que tipo de pessoa você acha que fala mais assim? Homens, mulheres, jovens, idosos...?
9. Na sua opinião, existe algum tipo de situação que as pessoas falem mais assim? Quando estão alegres, tristes? Nervosas?
10. Por que você acha que as pessoas falam assim?
11. Na sua opinião, falar assim é um problema?
12. Você costuma falar frases desse tipo? (Se a resposta for não: por quê?)

13. Na sua opinião, uma pessoa que fez/faz faculdade fala mais qual tipo de frase?
14. Alguma dessas frases te lembra algum lugar específico? Ou alguma pessoa?

- Anexo B: Ficha para coleta de informações dos participantes.

Entrevista 01	
Idade:	Sexo:
Local onde nasceu:	
Local onde mora atualmente:	
Nível de escolaridade:	Ocupação atual: